3 1761 06559874 0

BRIEF
NK
0003590

# MANUAL DAS DAMAS

OU

# BREVE TRATADO DE FAZER FLORES ARTIFICIAES

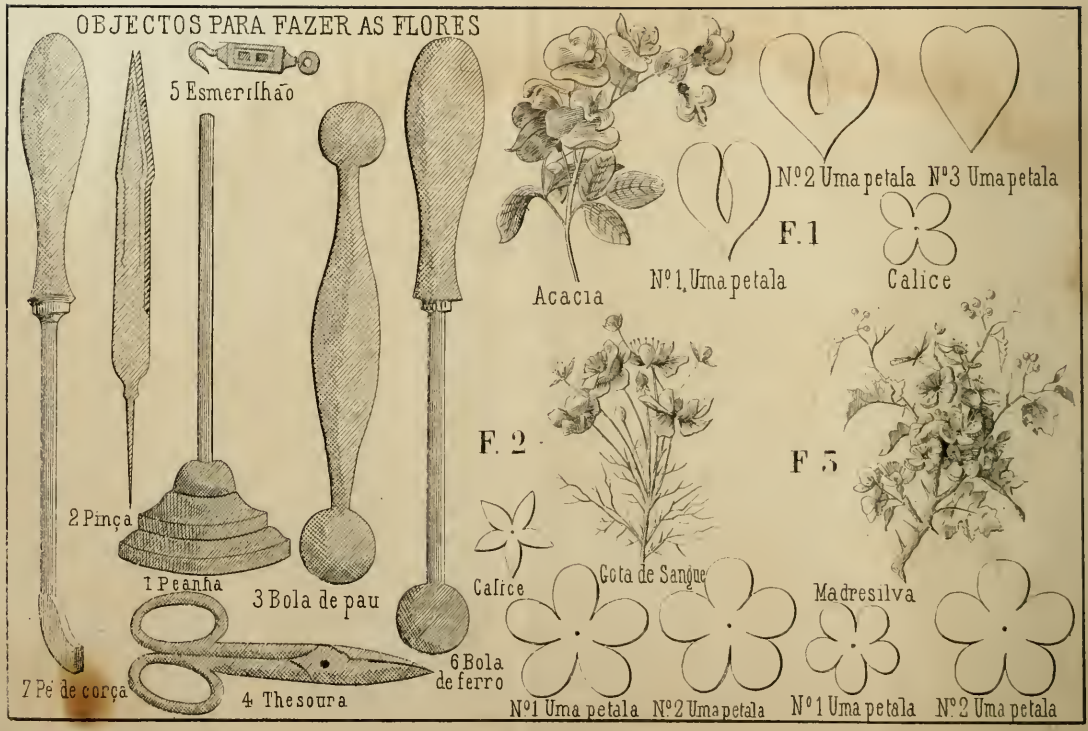
ORNADO DE

ESTAMPAS EXPLICATIVAS

**PREÇO 500 RÉIS**

LISBOA
LIVRARIA DO EDITOR JOAQUIM JOSÉ BORDALO
24 — Rua Augusta — 26

1874


OBJECTOS PARA FAZER AS FLORES
5 Esmerilhão
2 Pinça
1 Peanha
3 Bola de pau
6 Bola de ferro
7 Pé de corça
4 Thesoura
Acacia
Nº 2 Uma petala
Nº 3 Uma petala
Nº 1 Uma petala
F. 1
Calice
F. 2
F. 3
Calice
Gota de Sangue
Madresilva
Nº 1 Uma petala
Nº 2 Uma petala
Nº 1 Uma petala
Nº 2 Uma petala

# MANUAL DAS DAMAS

OU

# BREVE TRATADO DE FAZER FLORES ARTIFICIAES

ORNADO DE

## ESTAMPAS EXPLICATIVAS

SEGUIDO DE

## UMA COLLECÇÃO DE SEGREDOS E PROCESSOS

NECESSARIOS PARA CONSERVAÇÃO DAS DIFFERENTES PEÇAS DA TOILETTE DE UMA DAMA

Brief
NK
0003590

LISBOA
LIVRARIA DO EDITOR JOAQUIM JOSÉ BORDALO
24 — Rua Augusta — 26

1873

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

# ÁS DAMAS.

Nos outros paizes, e com especialidade em França, é uso a publicação de diversas obras, dedicadas exclusivamente ás senhoras, onde ellas encontram cultura para o espirito, economia no lar domestico, ou aperfeiçoamento nas occupações a que se dedicam.

Em Portugal talvez se possa afoitamente afiançar que não existe uma unica obra n'este genero, e esta falta torna-se altamente sensivel n'uma epoca em que a illustração das senhoras caminha desassombrada. Vamos nós com o nosso fraco contingente preencher esta vergonhosa lacuna, concorrendo talvez para que se desperte o desejo da publicação de outras obras, acreditamos que de mais interesse.

Um tratado de fazer flôres artificiaes com as competentes estampas explicativas pareceu-nos de alguma curiosidade para as damas; assim como uma collecção de processos destinados á conservação e preparo de differentes objectos de que se compõem as *toilettes* das senhoras.

Se tivermos logar n'esta obra daremos ainda um resumido tratado de cultivar flôres, e ulgamos que não será fóra de proposito esta nossa lembrança, pois que a manufactura das flôres artificiaes deve em tudo seguir a similhança e a verdade das flôres produzidas pela natureza.

Nos outros paizes onde, como todos sabem, as artes estão muito mais desenvolvidas, nos estabelecimentos de flôres artificiaes e nas grandes fabricas de tapeçaria ha estufas que produzem flôres de diversas e raras bellezas destinadas a servir de modelos aos artefactos que as mesmas fabricas produzem. Não podemos nós com-

petir com este aperfeiçoamento, todavia um pequeno tratado de jardinagem, como já dissemos, póde ser de bastante alcance ás senhoras que se dedicam a fazer flôres artificiaes.

É o que podemos offerecer ás nossas leitoras como ensaio de uma obra publicada pela primeira vez em o nosso paiz, e muito folgaremos que elle encontre agrado nas damas a que é dedicado.

# BREVE TRATADO DE FAZER FLORES ARTIFICIAES

## Objectos necessarios para fazer flôres

Um boiãosinho de massa. Uma almofada de cotim cheia de semeas. Fio de ferro cru de grossuras sortidas. Algodão mui limpo. Um carrinho de seda verde. Um carrinho de latão de cobre. Um carrinho de latão verde. Uma peanha de chumbo para ter os carrinhos. (Fig. 1) Uma boa pinça. (Fig. 2) Oito bolas de pau. (Fig. 3) Uma tesoira boa, que corte bem nas pontas. (Fig. 4) Um esmerilhão. (Fig. 5) Para fazer flôres de cambraia, são precisas mais seis a doze bolas de ferro. (Fig. 6) Um pé de corça (pied de biche). (Fig. 7).

## Varias considerações a respeito d'estes diversos objectos

Não é preciso comprar todas estas coisas de uma vez; procuram-se logo que se vae fazer a flôr que pede um ou outro d'estes instrumentos. Ha pinças de varias qualidades, mas, quando se quer fazer flôres por muito tempo, e sobretudo quando ha desejo de as fazer bem feitas é necessario ter pinças delgadas porque só ellas são perfeitamente dôces, fortes e com pontas arredondadas, e isto é indispensavel para amoldar flexivel e macio. Ha engano grave em cuidar que basta uma pinça ordinaria para fazer flôres de papel, porque, sendo uma pinça ordinaria muito aguda, offende a mão, e não sendo polida pela parte interna faz isso com que despedace o papel em vez de o moldar.

Nunca deve servir o fio de ferro recosido por não ser flexivel. O fio de ferro cru chamado pelos floristas *sete* tem muito brilho, e, mesmo grosso como se emprega nos ramos grandes, consente sempre o dar ás flôres a flexibilidade natural.

O pé de chumbo, sem que seja indispensavel, é comtudo utilissimo. Não ha nada mais fastidioso no trabalho de que cuidar á procura do carrinho que enfiado elle na haste do pé de chumbo está sempre ao vosso dispôr e gira á vontade.

É preciso que o algodão esteja bem limpo. Deve usar-se do algodão que é proprio do joalheiro ou do florista. O algodão em pasta não tem prestimo, porque sendo mal cardado não se póde fazer com elle as hastes ou os moldes de botões que fiquem bem lisos.

## I

### Maneira de fazer a massa de collar as flôres

A massa dos floristas compõe-se de gomma arabica, farinha e agua fria.

Tomam-se por exemplo, 70 grammas de gomma que se desfazem na agua até parecerem na vista e na grossura uma geléa um tanto liquida; desfazem-se n'esta gomma 35 grammas de farinha; meche-se tudo muito bem dez minutos pelo menos.

Para ser boa a massa deve correr em fio como macarrão; para ter isto vae-se-lhe juntando gomma até que baste.

Havendo pressa, tome-se a gomma em pó, misture-se com a farinha e agua, meche-se tudo e está feita a massa.

A massa no fim de alguns dias está melhor.

Deixando de servir a gomma vem á superficie e faz uma côdea que se deve metter para o fundo.

## II

### Maneira de tingir as flôres de papel e de cassa

Côr de cereja escura. — Haverá uma garrafa de côr de rosa vegetal liquida. Uma garrafa de dissolução de cremor de tartaro, 150 grammas de tremor de tartaro. Trinta folhas de papel passento, pardo claro, muito limpo e esponjoso. Um ou dois pinceis. Põe-se diante tres copos de agua pura, e deitam-se em dois d'elles duas ou tres colherinhas de cremor de tartaro. Deita-se n'um pires a porção de côr de rosa vegetal que fôr precisa para o que houver a tingir.

N'esta tinta deita-se uma quantidade pequenissima da dissolução do sal tartaro, (uma gota por exemplo para uma colher de chá de tinta); meche-se esta mistura com um pincel que só deve servir para esta tinta, e desejando-se apenas uma tintura clara, accrescenta-se-lhe agua pura.

Preparado tudo por este modo, molham-se na agua pura as pétalas que se queiram tingir, apertam-se depois entre os dedos para lhes extrahir o excesso de agua que impediria pegar a tinta ou a deixaria muito clara. Molham-se a oito e oito na tintura, pouco mais ou menos até tres quartos da pétala; depois com o pincel faz-se penetrar a tinta passando-lh'o por cima varias vezes. Collocam-se depois na borda de outro pires. Ao passo que se tingem vão-se pondo as folhas umas sobre as outras para que a tinta penetre bem a fazenda e assim se conservam por duas horas.

Deve-se ter cuidado em que as pétalas não sequem, porque tomariam n'esse caso uma côr abronzeada que nunca mais desappareceria. Para conservar a humidade é preciso voltal-as de quando em quando e pôl-as sempre por córtes no pires com a ponta para cima; sem esta precaução a tinta correria no sentido contrario e a parte inferior das pétalas não ficaria branca, o que é indispensavel para as flôres que tem o centro amarellado ou esverdinhado.

Logo que as pétalas tomaram a tinta lavam-se, pegando-lhes sempre e agitando-as por muito tempo nos dois copos de agua misturada com o cremor de tartaro e depois no que contem agua pura. Pega-se-lhes apertando bem o pé nos dedos ou na buchela, para a tinta não distinguir para cima do claro que se reservou.

Aperta-se de novo entre os dedos para lhe tirar outra vez a agua inutil, depois estendem-se n'uma folha de papel passento para seccarem.

Servem-se muito do çumo de limão em vez de cremor de tartaro, ou juntam a este algumas gotas d'aquelle çumo, julgando obter mais frescura de côr: esta frescura é transitoria, passado alguns dias fazem-se as flôres amarellentas e parecem murchas.

As pétalas de papel tingem-se tal qual, mas só a duas e duas côr de rosa. Para tingir côr de rosa é o mesmo processo que para tingir côr de cereja, e só convem deitar mui pouco da côr de rosa vegetal em muita agua. Para tingir uma rosa em cambiantes podem-se ter tres pires e em cada um, um banho de força differente: carregado para as pétalas do centro, mais claro para as que se seguem, e mais claro ainda para as mais externas que são as maiores.

Ha quasi sempre sob as rosas varias pétalas, tocadas na borda, de côr vivissima; para isto deita-se a côr como para a côr de cereja, deixa-se tomar côr, deposita-se nos tres copos e prosegue-se como se faz para a côr de cereja.

Como a tinta se apura no cremor de tartaro e por consequencia a agua se vae fazendo mais corada, deve-se principiar sempre a lavar as pétalas mais pallidas, porque a côr d'ellas sairia carregada, começando por lavar as mais fortes.

Para flôres levemente coloridas deita-se diminutissima porção de tinta, e basta laval-as n'um só copo de cremor e n'um só copo de agua pura.

Amarello. — Para tingir de amarello precisa-se de uma garrafa de amarello depurado e de um pincel para esta côr só.

Molham-se as pétalas em agua pura e escorre-se a agua de mais, como ficou explicado. Depois, se é uma rosa amarella que se quer fazer, molham-se córtes de oito pétalas no amarello puro, de que se tem n'um pires

F.4

12 Petalas

Loios

F. 5

Bola de neve

Nº 2

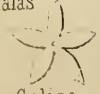
Nº 1

F. 6

Botão d'ouro

N 2 Seis petalas

Nº 1 Seis petalas



Calice

Calice

F. 7

Cineraria

a porção necessaria, põe-se os córtes uns sobre outros e passados instantes estendem-se enfileirados sobre o papel passento, tomando sentido em que, posta uma fileira, a outra fique com os pés voltados para os da primeira, porque se um pé amarello toca no bordo de uma pétala grande, póde manchal-a.

Depois com o pincel applica-se uma ponta de amarello puro no pé da pétala, porque são em geral as flôres mais carregadas no centro: depois deixam-se seccar sobre o papel passento sem as lavar.

Para fazer uma rosa branca com o centro amarellado principia-se por molhar os córtes em agua pura e logo, como já se explicou, estendem-se sobre o papel passento, depois de lhe extrahir o excesso de agua, com os pés voltados em sentido contrario. Deitam-se algumas gotas de amarello em agua, e com o pincel estende-se ao comprido uma mancha amarella desde o pé até ao meio da pétala. Quando um lado está tinto viram-se os córtes, e torna-se a fazer a mesma operação, para a tinta penetrar bem; deixa-se então seccar.

Côr de carne. — Para tingir uma rosa de chá de côr de carne, primeiro dá-se-lhe um cambiante côr de rosa brando até ás tres quartas partes da pétala, o pé fica branco.

Lava-se como na côr de cereja, depois lançam-se umas gotas de amarello n'um copo de agua e molham-se n'elle os córtes duas ou tres vezes, conforme se quer o amarello mais ou menos carregado; o pé, que tinha ficado branco, fica com um bonito amarello que faz sobresair o cambiante côr de carne do cume das pétalas.

Branco sobre fundo verde. — Tem-se uma garrafa de azul fino, deita-se uma pouca de agua n'um pires, umas gotas de amarello e uma ou duas de azul. Tinge-se o pé das pétalas com esta tinta, depois de molhadas e não se lavam.

Côr de cereja acarminado. — Primeiro tingem-se as pétalas de côr de cereja carregado, lavam-se e seccam-se.

Verte-se o conteudo de uma garrafinha de carmim n'um copo de agua pura para ficar o carmim bem liquido (está sabido que a agua deve ser em proporção com o carmim) molham-se as pétalas côr de cereja a uma e uma n'esta tinta mechendo-a muito, porque o carmim assenta sempre; deitam-se depois as pétalas sobre um pedaço de flanella para seccarem. É linda esta côr para as flôres de cambraia.

Quando se quer um tom de carmim vivissimo para cravos, por exemplo, cortam-se as pétalas na cambraièta; tingem-se primeiro côr de cereja escura, quando seccas applica-se-lhes com um pincel em cada uma e de ambos os lados uma demão de carmim; depois põe-se a seccar sobre flanella.

Consegue-se ainda uma côr mais brilhante tomando pó de carmim extra-fino e esfregando com elle as pétalas com uma brocha das que se usam para pintar á oriental; não é para isto preciso que as pétalas estejam completamente seccas.

Para este colorido podem conservar côr de cereja o bordo das pétalas e pôr o carmim só do meio da pétala até ao pé. É de effeito mui bonito uma côr menos dura que a do processo precedente; estes cambiantes só podem fazer-se na cambraia, o papel não supporta estas operações.

Cravos raiados de cambraia.—Para raiado côr de rosa sobre fundo branco serve a tinta rosa vegetal, cujo preparo se faz como para tingir côr de rosa mais ou menos fraca.

Podem-se raiar quatro pétalas a um tempo: põe-se os córtes uns sobre outros para os deixar tomar côr, depois lavam-se.

Quando se querem cravos com fundo amarello, põe-se o amarello com um pincel na altura que se quer.

Para cravos brancos com raios côr de rosa põe-se um pouco de verde no pé das pétalas.

Para realces, toma-se carmim da garrafinha com um pincel de ponta fina e dão-se os realces nos raios obtidos na tintura, estando seccas as pétalas: deixam-se alguns raios côr de rosa para haver varias tintas.

Os cravos raiados de carmim ou castanho são lindos sobre todos os fundos.

Os cravos de papel raiados de carmim ou castanho sobre qualquer fundo de côr, fazem-se sem mais preparo; comtudo os de fundo branco amarellam-se ou esverdinham-se antes de os raiar.

Castanho ou cochonilha ammoniacal.—Serve esta tinta desfazendo-a n'um pires com agua pura. Para se usar d'ella é preciso que seja espessa.

Dão-se realces com esta tinta aos raios côr de rosa ou de cereja: e tambem ás pétalas côr de cereja, lisa. Tambem servem para manchar as pétalas em rosas de muitas especies.

Lilaz. — Tem-se seda violeta em casulo; uma garrafa de *agua chimica*. Põe-se a seda n'uma chicara e deita-se-lhe a AGUA CHIMICA e agua pura mui pouca. Comprime-se com força a seda assim molhada, com uma faca de cortar papel ou outra coisa qualquer que se não estrague no acido, porque a AGUA CHIMICA é corrosiva.

Espremida toda a tinta da seda, devem molhar-se em agua pura as pétalas que se querem tingir: apertal-as depois nos dedos para extrahir a agua: mergulham-se então na tinta, querendo uma côr uniforme. Se pelo contrario se deseja uma côr mais pallida para as margens, collocam-se as pétalas sobre papel passento e applica-se a tinta com um pincel.

Podem-se raiar com esta tinta as pétalas seccas ou humidas.

Faz sempre a flôr mais bonita e dá mais opulencia ao colorido, um pouco de verde ou de amarello pallido no pé das pétalas violetas.

Importa muito que este lilaz seque rapidamente: principalmente no inverno pode-se pôr o papel passento sobre que se estenderam as pétalas em cima d'um esquentador aquecido brandamente ou defronte do fogão: sem isto poderá a côr mudar.

É o lilaz a côr unica que se pode enxugar ao lume todas as outras se alteram se não as deixam seccar naturalmente.

Vermelho para hastes de flores. — Para este fim preparamos uma camada de côr de rosa vegetal em massa, estendida sobre uma chapa de metal, afim de a conservar e transportar-se com facilidade: é a isto que se dá o nome de CÔR DE ROSA VEGETAL EM CHAPAS.

Usa-se d'ella tomando-a com uma esponjasinha apenas molhada e esfregando com ella as hastes e isto lhes dá um tom avermelhado que perfeitamente imita a natureza.

Para tingir as pétalas é preferivel a côr de rosa vegetal liquida, é mais fresca e é proporcionalmente mais barata.

Azul. — Para baile nada é mais bonito que o azul luminoso perfeito azul CELESTE á noite, mas que de dia tende um pouco para verde. Vende-se em garrafinhas.

Para usar d'elle e molhar as pétalas, é pol-as n'um pires, depois applicar-lhes o azul com um pincel. Põe-se a seccar sobre flanella. Tingem-se as pétalas a quatro e quatro de cada vez mas estendem-se uma por uma para seccarem rapidamente, o que é indispensavel.

Quando se deseja azul mais escuro, podem esfregar as pétalas ainda humidas com azul em pó como se explicou para o carmim.

## III

### Maneira de fazer as massas verdes ou amarellas para centros ou calices das flôres

Põe-se n'um pires tanto de amido como uma colher de chá, que se desfaz n'uma pouca d'agua fria, e addiciona-se-lhe outro tanto de farinha para ficar uma massa que se completa com gomma bem alva derretida e espessa. Dá-se côr ao todo com algumas gotas de amarello mais ou menos segundo a força que se quer obter.

Para a massa verde mistura-se com o amarello uma gota de azul fino.

Meche-se bem esta massa e faz-se d'ella uso com um pincel.

### Instrucção para armar flores, em geral

Como as flôres, todas se armam da mesma maneira, faremos só esta explicação para as de que este livro tem de se occupar.

Para armar um ramo haverá sobre a mesa:

Fio de ferro de todas as grossuras; algodão, seda verde; papel verde, uma chapa de CÔR DE ROSA VEGETAL, e uma esponjasinha.

Para armar as flôres deve-se sempre GIRAR, este é o termo usado.

Vamos tentar uma explicação clara d'este trabalho.

Pega-se com a mão esquerda n'um fio de ferro tendo na direita algodão; põe-se o algodão debaixo do fio de ferro, enrola-se á roda apertando com força o fio e o algodão entre o pollegar e o indicador, movendo-se ambos elles em sentido inverso.

E' preciso ao passo que se vae voltando ir puchando levemente o algodão como quem está fiando, e tomar sentido em o não quebrar, porque tornando-o a applicar poderia ser que a haste não ficasse bem lisa.

O movimento de virar deve-se operar da esquerda para a direita, quer dizer, que se obtem impellindo com o pollegar para a banda do indicador.

Em tudo que serve para guarnecer a haste; algodão, papel, gase, seda verde, etc., põe-se sempre o fio de ferro por cima d'aquillo que ha de rodeal-o, isto é, que a materia, que deve guarnecer a haste se encontre sempre entre o indicador e o fio de ferro.

Põe-se uma pouca de massa ou de colla no extremo das hastes para as terminar limpa e solidamente mas na haste nunca se emprega, apenas se pode humedecer de leve nos labios o principio da tira de papel verde que vae servir.

Não se vira nunca a mão direita devendo sempre estar livre, e demais, não se podia apertar bem nem collocar facilmente folhas, hastes, etc. Parecerá isto um pouco difficil, mas o costume vencerá a difficuldade.

## II

### Modo de cortar em tiras o papel verde para que se não quebre

Toma-se uma folha de PAPEL SERPENTE VERDE dobra-se em sentido contrario áquelle em que se acha quando se compra: dobra-se mais por tres vezes no mesmo sentido afim de ter só quatro centimetros de largo e po-

der-se assim cortar a tira de uma thesourada e por conseguinte obter tiras as mais direitas que seja possivel, coisa importantissima para voltarem bem. A largura das tiras deve variar segundo a grossura das hastes que ha para armar; quanto mais grossa fôr a haste mais larga deve ser a tira, comtanto que não exceda a dois centimetros.

Como este papel é simplesmente papel de seda, cortando-o no sentido em que vem dobrado quando se compra, quebrava-se ao enrolar.

Não posso indicar a grossura dos fios de ferro que devem servir para cada ramo, deve-se escolher, segundo o peso da flôr que se tem de armar, evite-se, porem, que sejam mais grossos: sempre é mais graciosa uma armação um tanto delgada.

## III

### Explicações theoricas e praticas sobre o fabrico das flôres de papel

ACACIA — Faz-se esta flôr exactamente do mesmo modo, quer seja de papel ou de panno. Ha umas brancas, outras côr de rosa, e outras brancas rosadas.

O CYTISE ou ebano falso é amarello e faz-se do mesmo modo, mas o cacho das flôres é mais delgado e mais comprido.

Estas differentes especies acham-se á venda em caixas, necessitam-se botões e folhas, e uma bolinha pequena. Para fazer uma flôr toma-se uma pétala n.º 1 e uma n.º 2, cava-se com a bola de um e outro lado, molda-se o n.º 3, formando uma nervura no meio com um fio grosso e circula-se o bordo com uma bolinha pequena.

Toma-se um pequeno fio de latão de cobre, ata-se-lhe o n.º 1 de modo que os dois lados se reunam á ma-

neira das ervilhas. Adapta-se sobre elle o n.º 2 que fica entreaberto, depois colloca-se por detraz o n.º 3, que se acha de todo derrubado.

Os botões fazem se com os n.os 1 e 2. O calice faz-se reunindo os quatro lados da pétala com uma pouca de colla.

Não se deve guarnecer de algodão a haste, mas só de papel verde cortado muito estreito.

O cacho arma-se pondo seis a oito botões na ponta uns dos outros, depois as flôres presas a duas e duas, oppondo-as de maneira que forme um cacho redondo.

A haste deve ser de fio de ferro mui delgado: faz-se pouco mais ou menos cada cacho com duas duzias de flôres.

As folhas armam-se pela haste como as das rosas: põe-se ordinariamente sete, nove ou onze folhas.

Adouides (gota de sangue) — Tomam-se as pétalas cortadas: estas flôres são sempre vermelhas como carmim, e o nome d'ellas isso indica. Arranjam-se olhos, botões, folhas, um pau de tinta da China e um pincel.

Cava-se com a bola a pétala n.º 1, enfia-se no olho collando-a, depois raia-se com tinta da China a pétala n.º 2 desde o meio até ao terço: cava-se depois com uma bola grande só para a arredondar, e enfia-se debaixo da primeira, ao contrario, põe-se uma estrellinha debaixo, e põe-se uma tambem debaixo dos botõesinhos vermelhos nascentes collando-a um tanto.

A Adouides arma-se em tufo, pondo-lhe muitas folhas que se devem collocar junto da flôr.

Fazem-se ramos de folhas e de botões.

Esta flôr é muito bonita para cercadura no musgo.

Madresilva. — Ha caixas com pétalas já cortadas, brancas ou côr de rosa; são tambem precisos olhos, botões e folhas.

Cava-se com a bola n.º 12 e mui fundo cada uma das pétalas do redondo, enfia-se uma só em cada olho, quando se não queira fazer madresilva dobrada: n'este caso põe-se uma pétala n.º 1 e uma n.º 2.

Feitas as flôres, enrolam-se com papel verde, assim como os botões. Compõe-se depois ramilhetinhos de

botões no meio e flôres em roda: põe-se-lhes oito a doze botões, e outras tantas ou mais flôres; estes ramilhetinhos devem ser de volumes mui variados.

Arma-se o ramo principiando por algumas folhas postas umas seguidas ás outras, depois um ou mais ramilhetinhos de botões e depois os ramilhetinhos de flôres e botões entremeados de folhas. Os ramos fazem-se á vontade, grandes ou pequenos. Esta flôr, que é uma das primeiras da estação, é estimada, e procurada sempre, e quasi que é impossivel o não lembrar qual é a sua forma e como se arma.

Bluet (loios) — Precisam-se olhos, botões, calices, folhas, um carrinho de seda côr de rosa, uma caixa de pétalas ou uma folha de papel azul fino se a pessoa as corta.

Tomam-se dez ou doze pétalas, enrolam-se na mão com a pinça fechada, deixando-lhe de fóra a ponta para não rasgar as pétalas: atam-se depois uma a uma com seda côr de rosa sobre um pequeno fio de latão para fazer um pequeno. Logo que estiverem promptos põe-se em volta do olho como uma corôa: a abertura de bozina deve ser voltada para baixo: devem prender-se todos na mesma altura; depois enfia-se um calice natural que deve ter estado de môlho na agua durante alguns minutos para se não quebrar ao enfial-o.

Arma-se com papel verde escuro.

Toda a haste deve ser flexivel, delgada e comprida e sem folhas n'uma certa extensão adiante vão-se pondo algumas a duas e duas, e reviram-se nos dedos como as dos cravos: junta-se ao bluet um ou mais botões aos quaes se põe tambem algumas folhas.

Bola de neve. — As pétalas acham-se em caixas, brancas e verdes misturadas: são necessarios pistillos côr de enxofre pallido e folhas.

Faz-se uma dobra ao meio de cada pétala, reviram-se um pouco os lados em sentido contrario com a buchela, enfiam-se as flôres e armam-se em piquet e em bola, absolutamente como a hortensia, postoque muito mais pequenas e inteiramente redondas. É preciso que as hastes sejam excessivamente flexiveis.

As folhas são alternas: faz-se o numero de ramos que se quer, porque a bola de neve não é uma planta baixa como a hortensia, mas um arbusto sufficientemente alto.

Botão de oiro. — É preciso uma caixa de pétalas, olhos e folhas.

Cavam-se duas pétalas n.° 1 com a bola n.° 12.

Quatro pétalas n.° 1 com a bola n.° 11.

Seis pétalas n.° 2 com a bola n.° 8.

Estas ultimas levemente, deve-se-lhe só passar a bola para as alizar.

Toma-se um botãosinho verde, põe-se-lhe massa em volta e enfiam-se as pétalas umas atrás das outras, cruzando-as absolutamente como para rainunculos: as ultimas pétalas devem simplesmente enfiar-se; depois põe-se-lhes uma estrella por baixo.

Os botões fazem-se do mesmo modo com maior ou menor numero de pétalas. Os botões novos fazem-se com o mesmo botão que serve de olho: põe-se uma estrella verde para o fazer mais natural.

Para armar, põe-se as folhas bem affastadas das flôres.

Cineraria. — Esta planta varía muito em côr: faz-se de papel e de panno.

As pétalas acham-se tintas e molddadas, em caixas.

Deve haver olhos, botões e folhas.

Esta flôr faz-se singela ou dobrada, enfiando e collando sobre um olho uma ou duas pétalas, depois uma estrella que fórma um calice aproximando umas das outras as suas oito partes, e fixando-as com colla por baixo do olho.

Os botões entre-abertos fazem-se pondo colla em volta do olho: depois enfia-se uma pétala e aperta-se afim de ficar direita: põe-se um calice como na flôr: é necessario atar juntas varias flôres e botões entre-abertos assim como alguns botões novos; as flôres excedem sempre os botões; põe-se depois as folhinhas compridas adherentes á haste principal.

As folhas grandes tem grandes hastes como as do geranio: fórma-se uma planta reunindo varios ramos de folhagem e de flôres: depois termina-se com seis ou oito folhas grandes.

Fuchsia (brincos de princeza). Esta flôr em papel não sae bem, só em panno é bonita. Apesar d'isso preparamos pétalas em caixa, de uma e outra especie. O modo de a fazer é o mesmo.

Precisam-se olhos, botões e folhas, ligam-se em volta do olho cruzando umas sobre outras quatro pétalas n.º 1: depois de as ter ondeado um pouco com a buchela, faz-se uma bolinha de algodão de fórma alongada por baixo d'estas pétalas: moldam-se quatro pétalas n.º 2 formando uma nervura cavada no meio e revirando dos dois lados em sentido contrario á nervura.

Colla-se depois o cume d'estas pétalas até á chanfradura sobre a bolinha de algodão, apertando n'esse logar a flôr para levantar as quatro pétalas e formar o casulo, depois enfia-se o calicesinho.

A haste d'estas flôres deve ser mui flexivel e um tanto comprida: para armar um ramo atam-se juntas duas ou tres flôres com botões: depois collocam-se duas folhas em frente uma da outra: as flôres devem prender como campainhas e as folhas sempre a duas e duas, põe-se no ramo de modo que fiquem collocadas na curvatura.

As hastes grandes armam-se com papel madeira, as pequenas fazem-se de papel verde e depois avermelham-se.

Geranio (rubro). Póde cortal-o cada um por si mesmo em panno ou papel côr de papoila de um lado e amarello de outro: para uma flôr precisam-se duas pétalas n.º 1 e tres n.º 2.

Formam-se tres vincos pequenos com a buchela na parte inferior de cada pétala e ligam-se com seda ao olho, põe-se-lhe uma pouca de colla para ficar mais solido, e depois um calice.

As hastes são muito compridas e muito grossas, põe-se as folhas aos feixes depois de reunir todos os ramos de flôres e de botões.

Hortensia. — As pétalas encontram-se em caixas que contém quantidade sufficiente para fazer uma bola côr de rosa e uma verde; tambem são precisos pistillos grossos, verdes e côr de rosa, folhas de todos os tamanhos, uma folha de papel côr de rosa vegetal e uma folha de papel verde inglez, pallido da côr das pétalas.

Formam-se algumas nervuras com a buchela sobre as pétalas: corta-se ao meio o massinho dos pistillos; põe-se n'um d'elles um bocadinho de massa, e enfia-se-lhe em cima uma pétala.

Quando estiverem enfiadas todas as flôres fazem-se hastes de fio fino de ferro guarnecido de algodão e li-

gam-se no extremo de uma d'estas hastes seis ou oito flôres; passa-se depois esta haste a papel côr de rosa ou verde segundo a côr das flôres.

Quando todas as flôres estão armadas atam-se os PIQUETS uns a par dos outros baixando-os e alargando-os até fazer a bola.

Colloca-se uma haste bem forte guarnecida de muito algodão, depois arma-se o ramo, pondo junto duas folhas uma fronteira á outra.

As bolas verdes fazem-se como as côr de rosa.

Fazem-se varios ramos de folhagem sempre sobre hastes fortes: liga-se o todo, que fórma uma bella planta. É preciso molhar todas as hastes, mas em logar de passar a esponja esfregando, encosta-se dando umas pancadinhas sacudidas em volta da haste para imitar um ponteado vermelho natural. Põe-se um pau para tornar o pé solido.

JASMIM. — Não póde cada um cortar esta flôr, porque deve ser moldada n'uma prensa. Arranja-se uma caixa, olhos, botões, folhas, etc.

Faz-se um tubosinho com o n.° 1, collando-o pelo lado. Põe-se um bocadinho de massa nos dentinhos e colla-se em cima uma pétala n.° 2; enfia-se um olho: depois ata-se a parte inferior do tubo: depois corta-se uma das aparinhas verdes e fixa-se em baixo no tubo, com papel verde.

Para um ramo fazem-se de seis a doze flôres, apertam-se as pétalas de algumas flôres; para se fecharem como flôres nascentes, e arma-se o ramo.

Faz-se uma haste fina e logo se lhe prendem duas folhas juntas em face uma da outra, dão-se algumas voltas de papel, pregam-se-lhe do mesmo modo duas folhas em sentido opposto ás primeiras, fazem-se PIQUETS de flôres e botões, ligados, e fixam-se depois do raminho de folhas: continúa-se a pôr folhas, sempre a duas e duas.

O jasmim é uma planta trepadeira, é pois preciso armar os ramos mui flexiveis e compridos: para as hastes serve o papel muito carregado de côr.

LILAZ. — Precisam-se pétalas, tubos, semula amarella, botões e folhas.

O lilaz antes se faça de cambraia que de papel: póde-se cumprir tinto e moldado, ou então cortado, e tinge-o quem quer. (Vejam-se as explicações da tintura).

Para o moldar pega-se n'uma pequena bola de ferro, aquece-se: depois, em cima da almofada affeiçoa-se em roda o interior das pétalas: toma-se um tubo, põe-se-lhe na extremidade uma pouca de massa com a buchela, enfia-se no buraquinho da pétala, deixando-o apenas sair fóra, depois deita-se-lhe por cima uma pouca de semula amarella, que pegando-se á massa faz o olho da flôr: precisa-se de uma grosa de flôres de differentes tamanhos para fazer um ramo. Armam-se primeiro uma ou duas duzias de botões em cachos com algumas flôres: depois fazem-se PIQUETS, pondo alguns botões e algumas duzias de flôres em cachos, dispostos sobre o canotilho de prata que se estende e se corta do comprimento que se quer: reunem então estes feixesinhos para fazer um grande: fazem-se assim de dois ou tres tamanhos. Empregadas todas as flôres, voltam-se ao primeiro feixe de botões que tem de formar a corôa do ramo, depois collocam-se os feixes mais pequenos em frente um do outro, e finalmente os dois maiores e o todo fórma um bonito ramo.

Dá-se-lhe uma haste um tanto mais forte: depois duas folhas em frente uma da outra e outras duas em sentido contrario, e fazem-se ramos pequenos de folhas que se prendem de distancia em distancia ao tronco grande, sempre porém em face um do outro.

BONINA DO CAMPO. — Acham-se cortadas e só se podem fazer em cambraia em razão da delicadeza das pétalas.

Fazem-se mais ou menos dobradas, enfiando varias ordens em separado; o primeiro collado sobre o olho, depois apertado nos dedos para o ter direito, e caindo os outros como na margarita.

Ligam-se entre si varias flôres, e põe-se-lhes folhas em feixe por baixo. Fazem-se botões compostos de uma ou mais ordens.

Estas flôres brotam da herva e nunca alteiam.

LYRIO CONVALLE. — Encontra-se preparado em caixa; precisam-se pistillos e folhas.

Corta-se em dois o feixe de pistillos; põe-se uma pouca de massa na ponta do pistillo, depois enfia-se um

grão de *mugnet*, fazem-se de oito a doze de grossuras variadas: depois armam-se n'um fio de ferro mui fino dois ou tres grãos pequeninos verdes, primeiro, depois os medios e os grandes, e, feitos os cachos accrescentam-se por baixo algumas folhas para os rodear ou então põe-se uma ou duas folhas a cada ramo.

Myosotis. — Acham-se em caixa: são raiados e sempre de panno, porque de papel despedaçam-se com facilidade. Comtudo querendo raiar procura-se uma pedra de *cinza azul* que se applica com pincel.

Cava-se cada pétala pelo reverso com a bola n.° 12: depois enfia-se n'um pistillo amarello e armam-se em cacho na ponta de um fio de ferro fino oito ou dez pistillos côr de rosa e verdes que servem de botões: depois collocam-se as flôres umas por baixo das outras em seguimento dos botões (põe-se seis ou oito em cada ramo) depois envolve-se a haste em papel verde e põe-se-lhe algumas folhas alternadas.

Esta flôr é a das recordações, e como tal, figura em quasi todos os ramilhetes.

Larangeira. — Sendo esta flôr moldada em prensa, acha-se em caixas, já preparada.

São precisos olhos, botões e folhas.

Collam-se as cinco petalas em volta do olho, põe-se o calice que é tão sómente uma estrella de percale: mas não sendo isto mui ao natural, para que seja perfeito, faça-se um casulo de cinco unhas, de massa, verde amarellado brando.

Arma-se o ramo pondo as flôres e botões entre as folhas e mui curtas sobre as hastes.

Malmequeres brancos. — Tem-se uma caixa de petalas, olhos, botões e folhas, reforçadas ou não.

Não podemos cortar estas petalas, porque se lhes fazem as nervuras na prensa.

Toma-se um olho, avermelha-se um pouco em roda com a esponja embebida de côr de rosa vegetal: depois colla-se tantas vezes tres petalas quantas póde levar o olho á roda: o direito das petalas é o lado virado.

Põe-se na unha da petala uma pouca de massa, depois applica-se debaixo do olho. Quando a flôr está collada, enfia-se por baixo uma estrella cujas petalas tambem se collam.

Para um ramo fazem-se tres flôres.

Enrolam-se as hastes com papel verde ordinario.

Preparam-se alguns botões nascentes; depois prendem-se com uma flôr um ou mais botões e uma ou duas folhas, depois junta-se tudo.

Das tres flôres póde-se fechar uma, apertando-a nos dedos a fim de imitar uma flôr entre-aberta.

Podem-se fazer ramos de folhas de tamanhos variados para formar plantas inteiras, que são mui bonitas para cestinhos: precisam de muita folhagem estas plantas.

Plox. — Esta flôr tão bem se imita no papel como em panno: é mui bonita nos ramilhetes ou nos toucados e por baixo dos chapéos: é ordinariamente branca, lilaz, malva ou raiada d'estas duas côres.

Preparam-se estas flôres para caixa, de panno e papel.

Precisam-se pistillos côr de enxofre, botões e folhas.

Toma-se um tubo n.º 1, fecha-se, pondo uma pouca de colla n'um dos lados que se volta debaixo do outro: colla-se n'este tubo uma das pétalas n.º 2 ou 3, prendem-se n'um pé de latão dois pistillos côr de enxofre, depois enfia-se o olhinho no tubo de modo que fique collocado justamente á borda da pétala: depois enfia-se uma estrella que serve de calice, fixa-se com uma pouca de colla e põe-se direita junto do tubo.

As flôres armam-se em *piquets*, isto é, ligam-se juntas varias flôres e varios botões: fazem-se alguns *piquets* de grandezas variadas; reunem-se prendendo-os a pequena distancia uns dos outros sobre uma haste de grossura mediana: o todo deve formar uma bonita bola alongada: as folhas põe-se com muita regularidade duas na mesma articulação, oppostas uma á outra.

Rainunculo. — Trate-se de haver uma caixa de rainunculos todos tintos e raiados (cada caixa contém oito flôres e dezeseis botões) além d'isso olhos, botões e folhas.

Toma-se de cada caixa um corte que contém dezeseis redondos: tomam-se doze para fazer a flôr: desdobram-se, depois com a bola n.º 8, cavam-se quatro redondos mui fundos para envolver o olho: os outros oito cavam-se com a bola n.º 7, cavando-os de cada vez menos, porque os ultimos devem ser quasi chatos.

Põe-se uma pouca de massa á roda do pó negro que fórma o olho: enfia-se um redondo, mesmo no alto

da haste, depois encosta-se levemente o dedo á pétala no sitio onde se poz a massa, tomando sentido em não desmanchar o cavado da bola.

O olho deve ficar quasi inteiramente coberto. Não se deve deixar a descuberto do negro mais que o tamanho de uma ervilha: todas as pétalas devem por isso cruzar-se umas sobre outras. Põe-se depois massa no mesmo logar: colloca-se a segunda ordem da mesma maneira, pondo as pétalas ao contrario, o que é muito importante para que a flôr fique bem feita.

Para as outras ordens põe-se a massa cada vez mais baixo e quando se tem chegado á sexta ordem, põe-se uma estrellinha por baixo.

Os botões fazem-se como o principio da flôr: põe-se duas ordens em cada um, ou então faz-se um botão grande com quatro pétalas e uma estrella por baixo.

Envolve-se a baste em algodão e papel verde: é preciso que esta baste seja flexivel e comtudo um tanto grossa: deve ter o comprimento de seis a oito centimetros sem a folha: collocam-se duas ou tres folhas: faz-se o mesmo aos botões abertos e aos nascentes: depois atam-se juntos todos os ramos.

Põe-se algumas folhas grandes, de maneira que a folhagem faça um feixe em baixo.

Rosa avelã. — Estas rosas vendem-se em caixas, desmanchadas; das brancas amarelladas, ou rosadas por baixo fazem-se rosas encantadoras; mas como este molde póde servir a varias especies de rosas, nós preparamos côres sortidas taes como côr de rosa de chá, variadas, cereja, etc.

Para uma rosa põe-se um redondo n.º 1 dentado dois redondo n.º 2 ageitados com a buchela, dois redondos n.º 3 ageitados com a buchela, dois redondos n.º 4 cavados com a bola: quatro redondos n.º 5 cavados e revirados dos dois lados.

Põe-se tres bouillotes no olho.

Rosa pompou. — Encontram-se cortadas, em caixas: podem-se cortar á thesoura, mas as florinhas pequenas em estrellas, e sobretudo as que tem cinco divisões são mui difficeis de cortar com regularidade: e são tão baratas que não vale a pena o trabalho que dão.

Ordinariamente são rosadas, mas fazem-se brancas, amarelladas, e rosadas, e outras côr de cereja.

Precisam-se para esta flôr olhos, botões, aranhas, um pedaço de crepe, e folhas de papel ou de panno: são preferiveis estas ultimas por se não quebrarem.

Tomam-se duas pétalas n.° 1 fendem-se ao meio: deitam-se estas duas partes com as pinças como se fazem os olhos das rosas, depois cavam-se com a bola n.° 10 quatro pétalas n.° 2 e com a bola n.° 9 quatro pétalas n.° 3.

Reviram-se com a pinça as margens de uma ou duas pétalas n.° 3 quando se querem fazer rosas muito desabrochadas.

Para fazer a rosa talha-se em ponta o olhinho de algodão verde, põe-se-lhe uma pouca de colla: enfia-se uma pétala n.° 1 e aperta-se sobre o olho para o fechar. Põe-se do mesmo modo a segunda pétala, torna-se a pôr massa e enfiam-se as avelãs n.° 2.

É bom que estejam bem cavadas e cruzadas umas sobre outras para formar a rosa, e pôr mui pouca massa no pé das pétalas, para não apparecer e para que fique leve a flôr.

Depois enfiam-se quatro pétalas n.° 3 e cavam-se mui pouco, porque a rosa POMPON é mais achatada que repolhuda, ageita-se uma aranha com a bola e colla-se por baixo assim como o calicesinho.

Os botões fazem-se como o principio da rosa põe-se quatro ou cinco pétalas á vontade, segundo o tamanho.

Todas as hastes se envolvem em crepe verde para lhe pôr os espinhos: depois avermelham-se: o armar é o mesmo que das outras rosas: comtudo põe-se-lhe muito maior numero de botões pequenos.

TULIPA. — Esta flôr acha-se sempre raiada e moldada: não se póde fazer por si só porque para lhe dar uma fórma bonita é perciso ser ageitada em prensa.

Se absolutamente se quizesse fazer sem prensa deveria preferir-se a cambraia (cortada enviezada) ao papel, por sairem melhor as ondulações.

Primeiro, raiava-se, depois, com uma bola se procuraria dar-lhe a fórma.

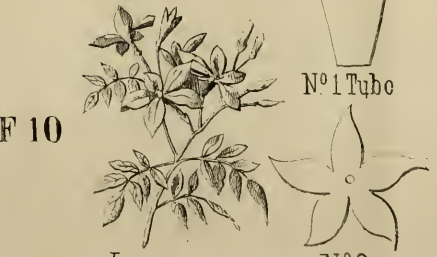
Para fazer a flôr são precisas seis pétalas: prendem-se tres em volta do olho, depois outras tres por cima

F 8

Nº1 Quatro petalas

Brincos da Princeza

Nº2 Quatro petalas



F 10

Nº1 Tubo

Jasmin

Nº2

F 9

Hortencia

Nº 2 Uma pétala

Nº1 Uma pétala

Nº 3 Uma petala

em opposição: arma-se com papel verde, brando sobre uma haste flexivel mas bem guarnecida de algodão: deve ter 15 a 20 centimetros de altura.

Ligam-se com a flôr os botões nascentes: depois põe-se cinco a seis folhas em baixo, de maneira que cerquem a haste.

Verbena. — Fazem-se de todas as côres: encontram-se cortadas em caixas ou cortam-se á thesoura. São precisos pistillos, tubos e folhas.

Desdobram-se as pétalas, depois com a pequena bola n.° 12 cava-se levemente a borda. Põe-se uma pouca de massa na parte superior do tubo e passa-se pelo buraco da pétala: depois corta-se um pistillo pequeno e arma-se com rede sobre um fio de ferro muito fino, e enfia-se no meio do tubo (deve chegar justamente á altura da pétala.)

Prende-se a parte inferior do tubo ao fio de ferro, colla-se depois o segundo tubo pondo massa n'um dos lados e enrolando o outro, de maneira que forme um canudinho que se enfia por cima do outro para fazer um segundo calice que sobe ás tres quartas partes do primeiro: forma-se uma umbella ou bola achatada armando dez a quinze flôres reunidas e levantando um pouco mais as da roda que as do meio.

Feita a bola, arma-se o ramo sempre sobre fios de ferro muito flexiveis, por ser esta planta muito flexivel e mais trepadeira que recta: põe-se as folhas a duas e duas em frente umas das outras: fazem-se ramos de folhagem, depois reunem-se todos estes ramos para formar um pé.

Querendo fazer um vaso d'ella, podiam prender-se os ramos a umas estacasinhas para os amparar como se faz ás verbenas naturaes.

Violeta dobrada ou violeta parma. — Precisa-se de uma caixa de pétalas, olhos, e folhas.

Arma-se um pistillo com papel verde sobre um fiosinho de ferro: cavam-se muito fundo duas pétalas n.° 1 com a bola n.° 12: depois quatro pétalas n.° 2 cavadas, circuladas no bordo, tres partes da pétala cavadas de um lado e as duas outras cavadas do outro, afim de haver duas pétalas que se levantem e tres que se abaixem. Enfiam-se as primeiras duas no pistillo, collocam-se apertando-as bem nos dedos, depois enfiam-se as outras

quatro, collando-as um pouco e dispondo as pétalas que viram para baixo, do mesmo lado: debaixo põe-se uma estrellinha: se a flôr se quer mais dobrada accrescenta-se mais uma ou duas pétalas.

Reunem-se todas as violetas n'um ramilhete ou, querendo fazer feixes naturaes, armam-se as folhas e as flôres juntas, de maneira que a flôr se ache debaixo da folha.

Violeta singela. — Enrola-se com a pinça cada um dos lados da pétala em sentido contrario, enfiam-se uma ou duas á vontade sobre um pistillo, põe-se-lhe por baixo uma estrellinha e curva-se a haste junto da flôr para a fazer baixar.

Amor-perfeito. — Não se póde fazer senão de panno e velludo e vende-se prompto em caixa.

São precisos pistillos e um fio de ferro fino: collocam-se as pétalas de panno depois das de velludo, de modo que os buraquinhos que ellas tem se ajustem bem: cavam-se levemente as pétalas de panno no reverso para as ondear e fazer menos tesas: depois formam-se tres nervuras com as costas da pinça por detraz das pétalas de velludo enfiam-se então no pistillo.

O calice colloca-se em figura conica e enfia-se debaixo da flôr: a haste curva-se para ficar o amor-perfeito direito como é no natural.

Enrola-se a haste em papel verde depois pegam-se-lhe algumas folhas longe da flôr.

Esta bella flôr é das que dá menos trabalho a fazer.

## Instrucções para armar toucados e ramos do peito

Cremos que será agradavel poder armar um toucado uma senhora, ou por passatempo ou no caso de se ver desprevenida para uma festa, cuja proximidade não dê tempo a encommendal-o.

Ainda que seja mui difficil explicar a maneira de armar um toucado, vejamos se nos fazemos entender.

Arranja-se um aro de latão para toucado, uma peça de fita estreita côr de castanha, um pedaço de gase da mesma côr, um carrinho de latão de algodão verde e um carrinho de latão de cobre e um esmerilhão.

Depois folhagem de crepe, de panno, ou de papel encerado, ervas de diversas especies, etc. Um toucado composto só de flôres e folhagem é de bom gosto: mas parece mais pesado que tendo misturado verduras e flôres levesinhas.

Podem-se fazer mui lindos toucados com flôres de papel, porque são mais naturaes que as de panno cujo tecido sempre revela a imitação.

As flôres dobradas como rosas, camelias, dhalias, margaritas, cravos, chrysanthemas, são as que em papel assentam melhor nos toucados.

### Maneira de armar uma grinalda redonda que se suppõe de margaritas ou de dhalias

Faz-se uma flôr mui pequena, depois duas um pouco maiores, mais duas ainda maiores, finalmente quatro das maiores dimensões, ao todo nove flôres.

Corta-se um arame do comprimento sufficiente para dar a circumferencia da cabeça: justamente no meio d'elle colloca-se a flôr pequenina fixando-a com a fitinha castanha que se enrola como o papel verde apertando-a fortemente: cerca-se de folhagem e de verdura fina.

Põe-se-lhe ao lado a segunda flôr e algumas folhas: depois successivamente as outras tres flôres, sempre acompanhadas de folhagem e verdura: deve-se terminar justamente no fim da metade do arame: prende-se a fitinha com uma pouca de colla, depois vae-se á outra metade pondo a segunda flôr proximo á pequena que faz o centro, depois continua-se a corôa exactamente como do outro lado. Cruzam-se depois as duas pontas do arame uma sobre a outra apertando-as solidamente com a fita para fechar a corôa que fica estreita na fronte e larga para o lado opposto. Esta fórma é muito graciosa sobretudo para trazer com bandós levantados. Tambem se póde, ficando bem, curvar e baixar o meio da corôa para lhe dar a fórma Maria Stuart.

As flôres podem variar em côres, comtudo nas pessoas novas são preferiveis a branca, a côr de rosa e a azul claro.

### Toucado de bandós de folhagem

Todas as flôres convém n'este genero de toucado. Suppõe-se aqui que são por exemplo: rosas de Bengala. Fazem-se seis, depois algumas entre-abertas. Póde-se tambem misturar clematite por entre as rosas.

Toma-se um arame do mesmo tamanho do outro toucado, corta-se ao meio para se fazer a armação mais facilmente por duas vezes: tomam-se folhas de rosa de differentes grandezas, pequenas e medias; estendem-se misturadas sobre o arame fixando-as com a fitinha castanha: entre estas folhas introduzem-se alguns botões nascentes e algumas flôres de clematite para formar o bandó que deve ser chato ou levantado segundo a physionomia da pessoa para quem é o toucado. O bandó deve ter de 15 a 18 centimetros de comprimento segundo o tamanho da cabeça: deve ser mais largo e mais basto junto das fontes onde se põe as rosas, ou em grupos de tres ou a par umas das outras, entremeando-as de PIQUETS de clematite, hervinhas floridas e AMOURETTES, depois com PIQUETS de botões nascentes, entre-abertos e folhagem. Tambem se póde querendo, fazer um toucado um tanto original, mettendo entre as rosas, na altura das orelhas um laço de folhas de caniços que se faz atando-as juntas em annel com latão de cobre, como um laço de fita, deixando cair duas ou tres tão compridas que toquem no hombro.

Para o outro lado do toucado, depois de ter collocado as rosas, põe-se um ramo composto de folhinhas e botões nascentes, armados mui flexiveis com gaze castanho n'um latão de algodão verde. Serve o ESMERILHÃO para armar estes ramos que devem ter 30 centimetros de comprimento.

Acabadas as duas partes do toucado, reunem-se cruzando os arames do bandó, e ligando-os solidamente com a fitinha: fecha-se depois atraz pelo mesmo methodo.

A collocação das flôres não se póde descrever perfeitamente, porque a armação das grinaldas depende inteiramente do gosto que ha para estas obras: julgamos que as armações que reproduzem perfeitamente as das flôres naturaes são as mais bonitas; comtudo podem crear-se lindas phantasias em harmonia com certos generos de TOILETTES.

### Ramos de decote de fórma redonda ou alongada

Armam-se conforme a fórma do corpo do vestido. Empregam-se as mesmas flôres e folhagem do toucado. Para os ramos redondos preparam-se os botões, hervinhas e folhagens por PIQUETS chatos, pela lado que encosta ao peito.

Prendem-se tres d'estes PIQUETS unidos, com a fitinha, depois põe-se no meio uma das flôres, depois de cada lado outros, depois outras flôres. Termina-se por grandes folhagens ou por um laço de folhas de caniço para recordar o toucado.

Para os ramilhetes alongados faz-se um ou tres ramos flexiveis compostos de botões e folhagens, armados com gaze castanha. Atam-se juntos. A do centro deve exceder as outras duas. Põe-se alguns PIQUETS de folhagem de cada lado, depois duas flôres na ponta uma da outra ou tres em feixe, podem-se pôr algumas folhas de caniço, deixando-as cair sobre as flôres, ou formando um laço que se colloca no alto do ramo.

Os ramos da sáia fazem-se pouco mais ou menos da mesma maneira. Dá-se-lhes a fórma necessaria á disposição do vestido.

## EXPLICAÇÃO DOS DESENHOS PERTENCENTES A ESTE TRATADO

Objectos necessarios para fazer flôres, que são: uma peanha de chumbo; uma pinça; bolas de pau; uma thesoura; um esmerilhão; bolas de ferro; um pé de corça.

O primeiro desenho é acacia, flôr em geral amarella; tambem ha acacia branca, ou côr de rosa viva. Pertencem a este desenho as pétalas n.$^{os}$ 1, 2 e 3 e o calice.

A figura n.° 2 é *Gota de sangue*, flôr da côr que o nome designa; pertencem-lhe as pétalas n.$^{os}$ 1 e 2 e o calice.

A figura n.º 3 é a madre silva; tem em geral as pétalas brancas, côr de ganga e côr de rosa; pertence-lhe as pétalas n.ºs 1 e 2.

A figura n.º 4 é a flôr chamada loios, de côr azul á qual pertencem doze pétalas como a que está desenhada.

A figura n.º 5 é a flôr bola de neve, cuja côr o seu nome indica; pertencem-lhe as pétalas n.ºs 1 e 2.

A figura n.º 6 é o botão de ouro, da côr d'esse precioso metal; pertencem-lhe as pétalas n.ºs 1 e 2 e o calice.

A figura n.º 7 é a ceneraria, flôr que varia muito em côr; pertence-lhe o calice e a rosêta desenhada a seu lado.

A figura n.º 8 são os bellos brincos de princeza, tão conhecidos e tão estimados, ou são todos escarlates, ou d'esta côr e roxos, ou todos brancos, etc.; pertencem-lhe quatro pétalas n.º 1 e outras quatro n.º 2.

A figura n.º 9 é hortensia, magestosa flôr côr de rosa, azulada, ou côr de ganga, etc.; pertencem-lhe as pétalas n.ºs 1, 2 e 3.

A figura n.º 10 é a flôr jasmim que póde ser branca ou amarella, ou azulada; pertence-lhe o tubo n.º 1 e a pétala n.º 2.

A figura n.º 11 é a flôr lilaz, a qual de ordinario é de uma côr azul muito desvanecida, ou toda branca; pertencem-lhe as pétalas n.ºs 1, 2 e 3.

A figura n.º 12 é a bonina do campo, amarella ou branca.

A figura n.º 13, representa a flôr denominada lyrio convalle.

A figura n.º 14, mostra a flôr chamada migorotis, e pertence-lhe a pétala que está ao lado.

N.º 15 Geranio rubro, pertence a esta flôr, n.º 1 duas pétalas, n.º 2 tres pétalas, e o calice.

N.º 16 Flôr de larangeira.

N.º 17 Malmiqueres brancos, pertence a estas flôres, um calice e cinco pétalas.

N.º 18 Plox, pertence a esta flôr, n.º 1 tubo, n.º 2 pequena flôr, n.º 3 grande flôr.

N.º 19 Rainunculo, pertence a esta flôr, a parte inferior, e doze pétalas quatro para os dois botões.

N.º 20 Rosa avelã.

N.º 21 Rosa pompon, pertence a esta flôr n.º 1 duas pétalas n.º 2, quatro pétalas n.º 3 quatro pétalas.

N.º 22 Tulipa.
N.º 23 Verbena, pertence a esta flôr, pequena flôr, e grande flôr.
N.º 24 Violeta dobrada, pertence a esta flôr n.º 1 uma pétala, n.º 2 duas pétalas, n.º 3 duas pétalas e o calice.
N.º 25 Violeta singela uma pétala e o calice.
N.º 26 Amor perfeito, pertence a esta flôr pétala, calice, e amor perfeito.

### RAMOS E GRINALDAS

N.º 1 Toucado redondo.
N.º 2 Ramo de peitilho.
N.º 3 Toucado de folhagem.
N.º 4 Ramo comprido de peitilho.

*
* *

Terminando aqui este breve tratado, daremos á leitora curiosa uma rápida idéa do modo de fazer flôres de cêra tão apreciadas hoje pela sua similhança com as naturaes.

### FLORES DE CERA

Este trabalho tem algumas partes que, na sua execução, apresentam difficuldades; porém quaes são as obras delicadas aonde se não encontram taes inconvenientes? Se tudo fosse facil entre nós, toda a gente o executaria, e por isso nada seria raro e admiravel!

Para estas flôres deve-se escolher cera bem pura e isenta de corpos estranhos, principalmente d'aquelles que servirão ao seu branqueamento. Como seja necessario, primeiro que tudo, dar a esta cera as diversas côres de que se carece para imitar a natureza, e outras obras artificiaes, começaremos por este trabalho, dando primeiro a conhecer os ingredientes com que se córam.

Branco. — Serve o alvaiade de Veneza para o branco transparente, e o alvaiade commum para o branco fusco.

Vermelho. — Serve o carmim e a lacca carminada para o vermelho brilhante: e para o vermelho fusco, o vermelhão, as laccas vermelhas ordinarias, e mesmo o zarcão.

Roza. — Serve o carmim fino, em menor quantidade do que para o vermelho brilhante. Para esta côr é mister que a cera seja primeiro corada de branco fusco.

Amarello. — Serve a lacca fina de lyrio, e mesmo a gomma gutta, para o amarello brilhante. Para o amarello nankin, cera amarella com vermelhão e alvaiade. Para amarello alaranjado, o chromato de chumbo. Para amarello de palha, o chromato amarello de zinco, ou chromato amarello de chumbo com alvaiade. Para amarello fusco, qualquer dos outros amarellos mais ordinarios que giram no commercio.

Azul. — Azul de Prussia finissimo, para o azul brilhante; e anil para o azul fusco.

Roxo. — Servem as côres vermelhas misturadas com as azues, entrando esta em maior ou menor proporção, segundo que a côr se quer roxa, violeta ou purpura.

Escarlate. — Serve uma mistura de côr vermelha, com outra amarella.

Verde. — Serve o verdete de Scheele, o verde de Schweinfurt, as cinzas verdes, o verdete crystalisado, e mesmo uma mistura de côr amarella com outra azul, em diversas proporções.

A maneira de incorporar as côres com a cera é moendo-as primeiramente em pedra de pintor, até pó impalpavel; porém como quasi todas são venenosas, é necessario empregar para tal effeito as convenientes cautellas para não respirar o pó, tapando bem a boca e o nariz, e mesmo os olhos, defendel-os com oculos de vidro circulados de uma pelle fina, etc. Depois de reduzidas as côres a pó, mette-se cada uma d'ellas dentro de um panno de linho fino, e atam-se para formarem outras tantas bonecas. Toma-se então a cera que se quer corar d'esta ou d'aquella côr, e mette-se dentro de uma panellinha de cobre bem estanhada e limpa; mette-se esta dentro de outra panella contendo agua, para formar assim um banho-maria. Põe-se tudo sobre o lume, o qual aquece a agua, e esta faz fundir a cera: então toma-se a boneca da côr que se deseja e agita-se dentro da cera até que esta tenha adquirido o gráo de intensidade que se pretende. Adverte-se que o calor deve sempre ser moderado, do contrario algumas côres soffreriam.

Lilaz

Nº 1 Uma petala

F. 11

Nº 2 Uma petala

Nº 3 Uma petala

F. 13

Lirio convalle

F. 12

Bonina do campo

Myosotis

F. 14

Uma petala

Resta agora saber os meios de usar d'estas ceras para se formar as flôres, e é n'esta parte que algumas difficuldades se encontram. Em geral, usa-se de qualquer dos dois meios seguintes, e melhor é usar de ambos, segundo o exigirem as circumstancias. — Primeiro — Funde-se a cera como já ficou dito, sem que se ache muito quente, e mettem-se n'ella pequenos moldes de madeira ou gesso molhados em agua, que formem cada um, as diversas partes da flôr que se quer fazer e que corresponda á côr da cera fundida, tiram-se os moldes da cera e molham-se depois em agua, quando tem perdido o maior calôr, para se abrirem os involucros de cera que se lhe fixou, e se separarem dos moldes. Depois de assim formadas todas as partes da flôr com as suas côres diversas, procede-se á união das mesmas partes, o que se consegue, tocando nas extremidades que se querem unir, com um ferrinho levemente quente. e unindo-as emquanto existe calor nas mesmas extremidades. Arames cobertos de cera, formam a ramagem da flôr. Quanto á maneira de formar as folhas, ou as petalas, é melhor usar dos meios de que adiante se fallará. — Segundo — Fundida que seja a cera, e tendo-se-lhe dado a côr, vasa-se sobre uma taboa humidecida com agua, e guarnecida de um rebordo, quando a cera está quasi fóra, tira-se o rebordo á taboa para se reduzir a lamina de cera ali formada, a laminas mais delgadinhas segundo se deseja; o que se faz por via de uma folha de aço muito afiada e guarnecida de dois cabos, um em cada extremidade. Molha-se a folha em agua, pega-se-lhe com ambas as mãos, por os cabos, applica-se o córte á grossa lamina de cera, e puxa-se com rapidez contra o operador: tirada esta primeira lamina, tira-se segundo, e assim se continúa. Estas laminas ficam aveludadas de um lado, e mui brilhantes do outro: é d'ellas que por via de uma thesourinha bem afiada e molhada, se recortam as petalas e folhas ordinarias para as flôres. As outras mais partes das flôres fazem-se com cera amollecida entre os dedos, e dando-se-lhe assim a figura que se deseja; e melhor, mettendo a cera entre moldes de metal, de abrir e fechar. Tambem com as delgadas laminas de cera se podem fazer folhas que imitam perfeitamente as naturaes, para isso é necessario haver moldes que se fazem com muita facilidade. Toma-se a folha natural que se quer imitar, estende-se sobre uma taboa e circula-se com um cordão de cera, dando a esta a mesma fórma que a folha tiver nas suas extremidades: feito isto deita-se-lhe em cima uma porção de polme de gesso, que se tem feito misturando um pouco de gesso reduzido a pó fino em agua, e enche-se todo o vão que se achar entre a folha e o bordo superior da parede ou rebordo que se fez com a cera; quando o gesso se achar bem duro, levanta-se o molde,

e tira-se-lhe a folha, a qual deixa sobre o gesso a impressão perfeita de todas as nervuras. Por fim dá-se no molde duas ou tres demãos de oleo de linhaça quente e fervido com fezes de ouro (protoxido de chumbo) para se conservar por muito tempo. Quando se usa d'estes moldes, molham-se com agua, e applica-se-lhe uma folha de cera, ou do lado aveludado, ou do outro, segundo a imitação que se quer fazer, e com um dedo cumprime-se a cera até que esta se ache perfeitamente moldada, e afinal recorta-se com uma thesoura molhada em agua. Estas folhas seguram-se sobre os ramos por via de arames cobertos de cera.

Quando se quer dar a uma folha diversas mudanças á sua côr, umas mais escuras que outras, formando um sombreado, deve a cera ter sido tinta com a côr mais clara, e feita a folha, sombrea-se dando-lhe algumas pinceladas nos logares convenientes, com a tinta mais escura, e moída finamente na pedra com uma pequena porção de alcool (espirito de vinho).

Para fazer a cera bem ductil, quando ella se funde, junta-se-lhe therebentina finissima: a dose regular é de 7 grammas para cada 480 grammas de cera. Quando se quer que ella tenha mais rigidez, como é necessario para fazer certas folhas; então junta-se-lhe bom spermacete na proporção de um quarto de peso da cera empregada.

# CULTURA PARTICULAR DE ALGUMAS FLORES

Alecrim do norte. — Colhe-se a baga em julho antes de abrir, põe-se um copo ao sol, tapado, para que não salte fóra a semente, quando a baga abre semeia-se em janeiro, conserva-se á sombra no verão, e transplanta-se passados dois annos. Não quer muita agua, e produz melhor, exposto fóra de vasos. Tambem péga de estaca na primavera á sombra, e bem regado.

Amaranto, (rabo de raposa ou flor veludo). — Sua flôr dura longo tempo, e cortada não murcha logo, e mesmo depois de secca, conserva muito tempo a sua côr. É amarella, ou branca. Semeia-se rara em fevereiro e março, para se transplantar em abril e maio. Esta flôr quer frequentes regas e pouco sol.

Anemona. — Veiu das indias orientaes. São simples ou dobradas: azues, roxas, vermelhas, ou rajadas; querem uma terra ligeira, e solta, na areia nutrem muito: a terra quente, gorda, e pôdre lhes é muito nociva: basta usar de estrume de folhas seccas. Póde compôr-se a terra d'esta sorte: de areia negra, ou terra arenosa 5 cestos, 3 de terra nova, e 5 de terra vegetal: mistura-se tudo, e um anno depois é que se deve fazer a plantação, tendo-a primeiro passado pelo crivo: e todos os annos se deve mudar de terra. Depois de floridas duram muito tempo, abrigando-as do grande sol. Depois de murchar a planta, tiram-se da terra as pattas, e seccas á sombra, se guardam, e se podem conservar tres annos, e então ainda dão melhor as suas flôres.

Aquileia ou campainha. — Flôr, e planta ant'escorbutica: é uma planta vivaz, que se multiplica pela semente, e de raiz em setembro em boa exposição: sua flôr é composta de muitas folhas, cinco planas e cinco concavas dispostas em coructa: parte roxa, e parte azul, branca e encarnada, ou acastanhada.

Arvore da vida, ou do paraiso. — Seus ramos se estendem horisontalmente: tosquia-se como o teixo, tira-se-lhe um oleo por distillação para allivio dos gotosos.

Balsamina. — Planta vulneraria e detersiva. Reproduz-se de grão semeado em março.

Bella-rosa. — Esta flôr, que pertence aos raynunculos, dá uma semente de que apparecem mui lindas e variedades, não só na côr, como no fecho de sua corolla: a mais bella que se conhece é a *Dionysia.*

Boas-noites. — Especie de Jalapa: semeia-se em abril, e se transplanta em boa exposição no outubro para guarnecer os alegretes.

Borboleta. — Pertence aos raynunculos: plantadas em abril dão perfeitas flôres no outono; porém o tempo proprio é em outubro para darem flôr na primavera. Logo que vão murchando as plantas, arrancam-se as raízes das melhores qualidades, e se guardam para semear no outubro seguinte. Deve haver muito cuidado em arrancar as singelas logo que principiam a abrir, porque fazem degenerar as semi-dobradas, ás quaes se ha de tirar a semente, para ser semeada de alfobre em setembro á sombra, e em boa terra. A semente das flôres escuras é preferivel. Esta semente ou farelos levam um mez a nascer, e não se lhes consente que dêem flôr, mas em maio se colhem as raizes, para no anno seguinte florescerem melhor.

Campanula. — Assim chamada, porque esta flôr tem feitio de campainha. Ha muitas especies, e tanto as dobradas como as singelas e rajadas, querem terra grossa e humida, e bem exposta. Multiplicam-se em março de semente e de raiz.

Canna da India ou odorifera. — Planta-se em boa exposição, multiplicando-se pelas raizes, e tambem se semeia em abril. Deve haver cuidado em a defender das neves, e no inverno não se rega.

Coluthea ou bagnenandier. — Arbusto galante, e proprio para jardins: flôresce tres ou quatro vezes no anno: a flôr é côr do fogo: semeia-se em março, e transplanta-se depois, havendo cuidado de a regar, e livrar dos rigores do tempo.

Corôa imperial. — É singela, ou dobrada, amarella ou encarnada: vem de semente em agosto, e de cebola em outubro: não se arrancam as cebolas, senão para as plantar logo.

Cravo. — São muitas as castas de cravos: principe, côr de rosa, ou gloria de Londres, Jorge rei, sangue real, princeza, Diana, duque de Toreana, roxo de Matheus da Cunha, Andremois, branco, negro, pavão, avinhado, escarlata, valente, pintacilgo, loureiro, degenerado, ferrado, donzello, neto, mantuano, aurora, bellagalla ou anagua de Venus, etc.

É difficil colher semente de bons cravos; porém alguns a produzem, e colhe-se bem madura, para se semear em abril, e estando do tamanho de um dedo, se transplantam para darem flôr no anno seguinte: tambem se semeiam no minguante da lua de agosto, para que floreçam em maio.

*O Alporque* é o meio ordinario de reproduzir os craveiros. Alguns fazem os alporques em todo o tempo: porém o melhor é no minguante de junho, e no crescente de outubro: e sendo feito em differentes tempos, tambem tereis cravos pelo anno adiante.

Alporca-se o craveiro, dobrando-lhe a haste, fazendo um cotovelo para o mergulhar na terra com uma forquilha, dando-lhe primeiro um côrte até ao meio pelo nó: e mette-se-lhe no golpe um folha de craveiro, para que não feche: esta operação se faz em todas as hastes, menos a uma, que póde ser a do meio. É mais simples dar-lhe um golpe obliquo de baixo para cima, e depois outro recto, que córte fóra esta lingueta, e se lhe chega terra, pondo-lhe algum amparo.

De todos os craveiros se pódem fazer *estacas;* e os melhores são aquelles olhos, que nascem pela haste acima; estas se plantam no inverno, e mesmo no verão em viveiro, e se regam. Os mantuanos (grande côr de lacre) metttidos de estaca em maio, e postos á sombra, até que peguem, dão excellentes cravos no inverno. Escolhe-se uma haste, que poderia dar flôr, e que tenha tres nós, corta-se perto do coração, que é a parte,

d'onde saem as folhas, depois se fende em cruz pela parte de baixo até ao segundo nó, e se põe ao sol, até murchar; logo se põe em agua, até tomar o primeiro vigor, então se planta em viveiro, ou no vaso, em que deve ficar.

Os craveiros devem plantar-se em vasos (em caixões, e cortiços produzem melhor) com terra nova. A melhor terra é a que se acha junto aos troncos velhos nas devezas. É bom pôr no fundo do vaso algum estrume de cavallo, e cascalho, que serve a esgotar a agua.

Logo que se plantam os alporques, reguem-se, e ponham-se á sombra por quinze dias: depois devem ser regados com agua quente ao sol; ainda que a recente tirada do poço lhes é muito conveniente; tirem-se-lhes as folhas velhas, e livrem-se dos rigores do tempo.

Quando arrebentam, convém desbastar os botões, para que venham com mais fortaleza; e quando vão crescendo as hastes, vão-se arrimando a cannas, ou varinhas, e se seguram com fios de lã. Deve-se-lhes cavar a terra, quando não houver ventos frios, porque estes matam todas as plantas, penetrando-lhes as raizes.

Quando querem florecer, é preciso ter cuidado em regal-os, aparar-lhes as folhas velhas, e limpar-lhes todos os botões, deixando só o principal, no qual se vae rachando, e abrindo as extremidades, para a flôr sair com perfeição. Não se deve cortar a flôr muito rente á raiz, porque isto offende muito o craveiro. — Advirta-se que a agua, e o sol deve ser moderado (o minimo sol lhes come a côr); por isso será bom ter os vasos aonde tenham sombra na força da calma, isto é, á hora da sesta.

Os craveiros velhos devem abrigar se do frio no inverno com palha, ou ramos: e os novos, que ainda não deram flôr, prevalecem melhor com o frio, e expostos ao norte. A rega se fará pelo pé, e não pelas folhas; porque a mesma agua os méla e lhes faz apodrecer as raizes: sendo pouca agua tambem seccam: regam-se pela manhã e o melhor é ao anoitecer.

São muitos inimigos que attacam os craveiros: o piolho, que costumam crear de verão, a podridão que lhes vem na raiz, a bicha cadella, a formiga, a rosca, a lesma, os caracoes, etc.

O remedio mais efficaz para o *piolho* é a terra de estanque de tabaco, a que chamam *granza*: na falta d'esta, tabaco com areia fina, e se deita onde se géra o piolho, e com isto morre: tambem se póde regar com tabaco misturado na agua.

O *ôco*, ou *podridão* procede da demasiada agua, que se dilatou n'aquelle sitio: deve separar-se com uma navalha, e mesmo deitar-lhe fóra a terra, porque até esta fica inficcionada.

As *formigas*, e *bicha cadella* se evitam bem, tendo os craveiros sobre mezas com os pés em alguidares cheios de agua, e não consentindo escondirijo algum nos vasos, onde os bichos se mettam: tambem se podem pôr canudos pelo jardim, em que se escondam, e de dia se apanhem.

A *rosca* é uma lagarta, que come o cravo de noite, e se recolhe logo na terra, onde se gera, e habita. É preciso vigilancia, examinando as folhas dos cravos, e achando alguma roida, procure-se o tal bichinho, que deve estar logo á superficie da terra.

Crocos ou açafrão. — Ha duas especies, outonal e da primavera: dobrado, singelo e de differentes côres: multiplica-se por grão, e mais facilmente por cebola em setembro. O verdadeiro *croco* é o que florece no outono.

Dionysia. — Tem a mesma cultura, e tratamento dos rainunculos. Quando está florida, deve abrigar-se do minimo sol, que lhe come a côr de canario, que lhe é propria, e faz a sua belleza. Devemos esta flôr aos cuidados de *João Dionysio de Oliveira*, da cidade de Coimbra, que no anno de 1803 a conseguiu da sementeira de bella-rosa, e lhe poz o seu nome.

Dolicho — É uma planta leguminosa e trepadeira, que se semeia na primavera, e em pouco tempo veste uma grande parede com sua folha meuda, e a esmalta com a belleza de suas flôres, e se conserva assim por muitos annos.

Estancadeira. — Planta que veda o sangue, e as camaras: vem como a margarida: imita a relva, e faz um bello esmalte nos jardins.

Focinho de leão. — Assim chamada, porquè a flôr representa a cara do leão: semeia-se em outubro, e se

transplanta em abril: póde fazer-se florecer continuamente, em lhe cortando a haste, logo que tiver dado a flôr.

Fraxinella. — Planta vivaz, que se multiplica de raiz, ou de semente em setembro, e se transplanta em março: na força do sol exhala um vapor tão subtil, que se inflamma como a agua-ardente, quando se lhe chega uma luz.

Goivos. — Os mais conhecidos são os roxos, brancos, amarellos, purpureos, e esmaltados. Ha outras especies: grandes, pequenos, e quarentenas. O amarello dobrado multiplica-se d'estaca, e procede da semente tirada da principal espiga do singelo amarello. Colhe-se a semente da haste do meio dos goivos singelos, privando-os das hastes lateraes, e das siliquias, que se julgam superfluas. Esta escolha da semente da haste do meio se entenderá de todas as mais plantas para serem mais fecundas. Semeiam-se em março, e se transplantam em abril: se forem bem regados no verão, tereis flôres em setembro: tambem se semeiam na lua nova de agosto. Devem marcar-se os que sairem dobrados. Depois de terem dado as flôres, podam-se os ramos, para darem umas segundas. Os goivos do primeiro anno são melhores, que os do segundo, e será proveitoso tirar-lhes algumas flôres para que se não sequem, e espiguem tão depressa. Logo ao principio se lhes corta a haste do meio para crear roda. Tambem pegam d'estaca, e o melhor é de alporque.

Gira-sol, *Heliotrópe,* ou *sol.* — Multiplica-se por semente, ou pela raiz que se tira das touças. Ha duas especies: uns são maiores, outros menores. Dão-se em todas as terras.

Hepatica. — Chama-se tambem terra da *Trindade.* Gosta da sombra: são singelas, ou dobradas, roxas, azues ou brancas. Multiplicam-se em setembro e março pela raiz: florescem em fevereiro, antes que as suas folhas arrebentem, e fazem um bello effeito nos jardins. As singelas produzem semente, por meio da qual se conseguem novas variedades: semeiam-se em agosto.

Hydraugea, ou *Hortense*. — Dão as flôres em julho e agosto. Multiplicam pelas raizes, e tambem pegam d'estaca. Plantam-se em terra humida, e querem muita agua. Suas raizes são vivas: a neve queima-lhe os ramos, e na primavera tornam a arrebentar.

Jacinthio. — Por meio da cultura se tem multiplicado muito as suas variedades: as melhores especies são raras, e mui caras. São de muitas qualidades, brancos, azues, raiados, côr de porcellana, côr de carne, dobrados e singelos. Plantam-se em setembro as cebolas, e tiram-se da terra no fim de maio: multiplicam-se pelos filhos que criam as grandes cebolas, e muito melhor pela semente, que fornece as mais bellas especies, mas estão quatro annos sem florescer: gostam de muito sol, e deve haver cuidado em defendel-os da neve, e darlhes o mesmo tratamento das tulipas.

Jacobea, ou *Flôr de Santiago*. — Planta vulneraria; é rasteira e multiplica-se pela semente, ou de raiz: deve ser muito regada.

Jasmim. — Ha seis especies, gallegos, d'Italia, roxos, brancos, amarellos e bugarins; servem para cobrir paredes e latadas. Os brancos mergulham-se, e criam raizes; pegam d'estaca, e tambem se enxertam de borbulha. O jasmim do Cabo da Boa Esperança, que alguns chamam *Mogorim*, gosta de estar exposto do nascente: reproduz-se por alporque, e é mui difficil conseguir-se; porém rebaixando um ramo, e deixando-lhe todos os gomos de fóra da terra, cria em todo, muito boas raizes, e em pouco tempo.

Immortaes, *Perpetua* ou *sempre noiva*. — Semeiam-se em setembro: requerem boa terra, e boa exposição, livre de neve. A perpetua doirada multiplica-se tambem d'estaca em abril.

Iris, ou *Flambó*. — Serve de grande ornato nos jardins pela variedade de suas côres: gosta de humidade. As raizes do Iris são de muito uso para os droguistas. Das flôres azues do Iris, pisadas, e um pouco de pedra hume, e cal em pó, se tira uma verde, que chamam *verde-iris*, que é proprio para miniaturas.

Juliana ou *Goivo d'Inglaterra*, — São singelas, ou dobradas, violetas, roxas, ou matizadas; multiplicam de renovos, ou d'estacas em setembro, que se transplantam em março: devem ser bem regadas.

Junquilho. — É simples ou dobrado, planta-se em terra bem fresca e forte: multiplica-se das cebolinhas, que se não tiram da terra, senão de tres em tres annos no mez de junho.

Lantana aculeata. — Multiplica-se bem por estaca, e tambem por semente: as suas flôres fazem uma cabeça redonda, e as que occupam a circumferencia, são de um vermelho claro, e as do centro côr de lacre. Na primavera devem cortar-se rente á terra, para arrebentarem com mais força, e produzirem melhor, e ao mesmo tempo fazerem melhor vista, e estarem em flôr quasi todo o anno.

Leutisco, ou *Arocira*. — Sempre verde: dá flôr, e fructo roxo, tem cheiro forte. Do leutisco se fazem os melhores palitos. Semeia-se em março: tambem pegam de mergulhia, e rebentos: dá uma gomma, que se colhe em outubro.

Lilaz. — É branco ou azul: péga facilmente d'estaca, e tambem dos ladrões, ou arrebentos. O lilaz da Persia é muito baixo, e se multiplica por mergulhia: tosquia-se em varias figuras.

Lyrio. Ha lyrios brancos, amarellos, roxos, roxo-vermelho, côr de lacre, de laranja, de fogo. Não pedem grande cultura. Multiplicam-se pelas cebolas, que se plantam em setembro, e tambem pela semente, e se consegue sempre novas variedades. Devem ser mudados de tres em tres annos, e não devem ter-se fóra da terra mais de um mez. O mesmo se deve observar a respeito da flôr de liz e açucena.

Lychuis. — O singelo multiplica-se por semente e raiz: as differentes variedades tem sido originariamente produzidas pelas sementes das especies singelas. O dobrado, que se chama *Chalcedonia*, ou *Cruz de Jerusalem*, ou *de Malta*, multiplica-se pela raiz, que é vivaz. As hastes perecem no outono, e rebentam na prima-

vera, e conservam a flôr quasi todo o mez de julho. Para se conseguir maior abundancia d'esta planta, deve em junho, antes que as flôres appareçam, dividir-se as hastes de tres, ou quatro nós, e se plantam deixando um olho só fóra da terra: devem regar-se á sombra, e até será bom cobril-as com redomas, a fim de excluir o ar exterior: estas estacas assim tratadas criam raiz em cinco mezes, e então se expõe a todo o ar. Podem transplantar-se no outono; e florescerão no verão seguinte: não querem muita humidade, nem muito estrume. Alguns, por poupar as flôres, fazem a plantação das estacas depois de terem dado flôr, e como as hastes estão muito duras, não conseguem bom effeito.

Mangericão. — Semeia-se no crescente de março em terra bem movida com algum esterco de cabras, gallinhas, ou pombas: convém tiral-o do criadeiro, sendo pequeno, e mudal-o para onde se possa regar, e cavar nos dias serenos: podem estar tres juntos em um vaso: sómente esta planta quer ser regada pelo meio dia, e quer muita agua, e muito sol, para produzir bem: e muito melhor, se fôr regada com agua revolta nos ditos estrumes. Em quanto crescem, cortem-se-lhes as pontas maiores, para não espigarem, e para criarem melhor cópa. Quem quizer um mangericão d'excessiva grandeza, o plantará em um vaso, que não esteja bem cheio de terra, para que repreze a agua todo o dia, e ao sol posto se destapa por um buraco, que tem no fundo, e pela manhã se torna a tapar, e encher de agua; mas isto se deve fazer só depois que elle estiver pegado, e principiar a puxar.

Margaridas, ou *Paquerettes*. — Multiplicam pelas raizes arrebentadas: fórma-se com ellas um massiço, e denso alegrete, misturando-lhe *estancadeira*, o que faz um lindo esmalte.

Martagão. — É uma especie de lyrio, cuja flôr é recurvada: (o branco é o mais estimado); o sol forte o destroe: é preciso regal-o frequentemente: multiplica por cebolas, e logo que se tiram da terra, se devem plantar immediatamente.

Matricaria. — Tambem se chama *Parthenium*, porque cura as doenças da *madre*. É uma especie de *Arte-*

*miria:* é roxa, branca, amarella, ou raiada. Multiplica-se facilmente pelas raizes divididas no outono, e tambem por semente. Florescem muitos mezes a fio, quando se lhes cortam as hastes, que vão dando a flôr.

Martyrio, ou *Flôr da paixão.* — Deve ser plantado em logar quente, e em sitio proprio para trepar. Multiplica-se de raiz em março. Serve de meridiana ao jardineiro, quando o tempo está enuvellado, porque a flôr é ephemera, e se abre precisamente ao meio dia.

Muguete, ou *Lyrio dos Valles.* — Vem ordinariamente sem cultura; porém o dobrado é muito raro: multiplica-se de raiz em setembro.

Murcari, *branco* ou *azul.* — É uma planta bulbosa, que se cultiva como o jacintho: a flôr é de primavera, e muito cheirosa.

Narcizo. — Produzem bem na terra saibrenta, bem entendido, os bravos; porque os de jardim pedem mais cultura. São singelos, ou dobrados, amarellos, ou brancos. Multiplicam-se de cebolas em junho, e se plantam em outubro. Devem trasplantar-se ao menos de tres em tres annos.

Orelha d'urso, ou *Auricula.* — Sae de um nabinho, que se mette na terra, é esponjoso, e apodrece facilmente: no cimo d'este nabete, que deve ficar de fóra, é que sae o verde, e a flôr. Esta planta lança muitas raizes, e compridas; por isso é preciso terra nova, e de prado, que póde ser a que as toupeiras levantam. A 15 de outubro ponham-se os vasos por algum tempo ao sol, e a 15 de novembro fiquem expostos a todo o sol, até ter flôr: logo que esta começar a abrir, torna-se a pôr os vasos á sombra, para não descórar, e deita-se-lhe pouca agua, para não apodrecer; estando florida, arranca-se-lhe as degeneradas, que se tiverem feito brancas ou amarellas. A neve não lhe faz mal. No verão é preciso visital-as frequentemente; porque os insectos as roem, e principalmente em setembro, que nascem os caracoes. A flôr é admiravel pela diversidade de suas côres, só as não ha azues: toda a planta se cobre d'um pó agradavel, que não quer ser molhado. Produz al-

guma semente, que uns semeiam em setembro, outros em dezembro e janeiro, mesmo exposto á neve, como fazem os hollandezes, e não a cobrem com terra, porque a neve, derretendo-se, a enterra bastante: deixam-se á sombra todo o verão, e em setembro as transplantam, e alguns já darão flôr em abril, dando-lhes a cultura acima dita.

Palmeira. — Multiplica-se de rebentos, e caroços das tamaras, semeados em março; planta-se em boa exposição: teme o inverno, e não deve ser regada durante o frio.

Papoulas. — São singelas, ou dobradas, raiadas e de varias côres. Semeiam-se muito raras em setembro, outubro, e março, para se não transplantarem: repovoam-se por si mesmas, deixando cair a semente.

Peonia. — Semeia-se, ou planta-se de cebola em outubro: é preciso que esta seja grande para dar flôr no primeiro anno.

Primavera. — A mais bella é a purpurea, e em ramalhetes: quer boa terra e frescura: multiplica-se de semente em setembro, e transplanta-se em março depois de dar flôr.

Pyramidal, ou *violeta arvorada*. — É uma especie de *campanula*, que vem de Flandres, estimada pela figura pyramidal de suas flôres, que cheiram a *estoraque*, e duram seis mezes em flôr: só se lhe deve deixar uma haste, para ser mais guarnecida e mais bella: sobe de dois em dois annos: quer sol mediocre, terra forte, e muito regada: difficilmente cria grão; multiplica-se pelas raizes, que são abundantes: tambem péga d'estaca. Quando as flôres principiam a abrir, collocam-se nos cantos das salas, para servir de adorno, e perfumar a casa de um cheiro aromatico: conservam assim toda a sua formosura; mas todas as noites devem ficar ao ar, resguardadas das grandes chuvas.

Ranunculo ou rainunculo. — Plantam-se as raizes, ou aranhas em setembro, e outubro em terra, que não

seja grossa, misturada em terra de páo podre, tirada das tócas dos salgueiros, e carvalhos velhos: primeiro se tem de môlho em agua 24 horas, e devem plantar-se dois dedos debaixo da terra; e quatro em distancia umas das outras; no mais se observará o que já se disse das *anemonas*. Livrem-se da neve, cortem-se-lhes os botões, deixando só um em cada pé, limpem-se das folhas velhas; e logo que esteja a flôr feita, corte-se, para criar melhor a raiz, a qual se colhe em maio, para se replantar em outubro, e este é o mais prompto meio de se multiplicarem; pois tambem se multiplicam pela semente dos ranunculos semi-dobrados: (os dobrados não dão semente.) Os ranunculos propriamente ditos são: purpureos, amarellos, ou vermelhos com gomo verde, são tambem dobrados o Ricardo, a rainha de Hungria, o botão de oiro, as princezas, a Dionysia, e outras, devidas ao desvelo dos jardineiros. A mais bella especie de rainunculos são os semi-dobrados pela variedade de suas côres, e são menos delicados na sua cultura. V. *Borboleta*. A exposição mais favoravel é ao meio dia. Quando se quer conservar mais tempo a flôr, cobre-se do ardor do sol, e isto contribue tambem para conservar o seu lustre.

Rosa da India. — É uma planta annual: multiplica-se por grão, e depois se transplanta: quer ser bem regada.

Roseira. — Ha muitas especies, que se tem alcançado pelas differentes sementeiras. Não precisa grande cultura: multiplica-se em outubro de raiz, d'estaca, e mergulha: é bom descarregal-a dos ramos, e quanto mais se podam, melhor florecem: póde tosquiar-se, ou crucificar-se, e até criar um só tronco, como qualquer arvore. São muitas as variedades; de cheiro, sem cheiro, da China, de todos os mezes, de cem folhas, da Alexandria, de Hollanda, singela, dobrada, de musgo, de toucar, amarella, encarnada, branca, roxa, rajada, etc. A *roseira amarella* deve deixar-se solta, sem lhe prender os braços: a póda não lhe é conveniente, e, se houver de cortar-se-lhe algum ramo, deve ser até ao vivo: para produzir flôres mais bellas, deve abater-se-lhe uma parte dos botões mais fracos: para livrar as flôres do inconveniente da chuva, que as estraga, deve cobrir-se com palhoças, quando estão para abrir. Reproduz-se bem pelos ventos em outubro, e na primavera. — A *roseira de Hollanda* planta-se junto á parede, ou ao pé de uma arvore para subir, e faz linda vista.

Rosmaninho. — Arbusto sempre verde, e muito cheiroso: é de facil cultura, e propagação: deve regar-se e tosquiar-se.

Sensitiva, ou mimosa. — Planta curiosa, que se encolhe quando a tocam: ha muitas especies: é muito commum na America, aonde fórma grande arbusto: quer muito calor, e bom tratamento.

Sicilia. — Planta bulbosa, que florece tres vezes no anno. Multiplica-se por cebola.

Sumagre. — É branco, ou preto. Quer terra em boa exposição: multiplica por estaca, ou de renovos. Este arbusto é tão bello, como util: as folhas, e grãos servem para preparar coiros, para tingir, e fazer negros os cabellos, para cozimentos e bebidas, e a gomma, que de si lança, posta nos dentes furados, mitiga a dôr.

Teixo. — Vem de mergulhia; porém os de semente são melhores: semeia-se a baga, logo que está madura, inteira, sem a esmagar, em terra fresca, e sem estrume: esta sementeira faz-se no outono (estando primeiro os grãos de môlho em agua), e rebentam na primavera: transplantam-se aos cinco annos no outubro, em terra sêcca, e na primavera em terra fria e humida. O teixo pequeno é mais da moda, e forma-se em pyramides, etc.

Tricolor. — É uma especie de *amarantho*: semeia-se na primavera, para depois se transplantar.

Tulipa. — Esta é a rainha das flôres: merecen este soberano titulo por sua formosura, seu esmalte, suas variedades, e pelo brilhantismo de que é ornada. E a unica flôr da Europa, que nas colorada, e matizada: indigena da Turquia. Produz em toda a parte; comtudo a terra saiborosa, e ligeira lhe convém melhor, que a forte. Planta-se em outubro: a sua flôr dura doze dias com as suas bellas côres, e n'este tempo não se deve deixar de a regar. Guardem-se as melhores (as purpureas) para lhe tirar a semente, e as outras cortem-se logo, para que não defequem a cebola. Estando secca a haste, colhem-se as cebolas, limpam-se, e guardam-se, apartando as qualidades, para se tornarem a metter na terra em outubro. A semente lança-se na terra

em setembro, e as cebolas, que produz, só no segundo anno se arrancam, para se tornarem logo a dispôr: vão crescendo, e só no quarto anno é que dão flôr: é assim que os hollandezes tem alcançado tantas variedades que tem vendido por grande preço. Quando no anno seguinte apparecem rajadas, chamam-lhes *hasards;* porque julgava-se um acaso, de que se não sabia a causa; mas é experiencia constante, que este phenomeno procede de se ter fecundado uma com outra de differente côr. Veja-se o artigo *Observações.*

Valerianna. — Multiplica-se de semente, e de raiz: vem em toda a terra: cresce muito, e florece no outono.

Valverde pyramidal. — Semeia-se raro em terra solta, e ligeira: gosta de sombra: cresce na primavera, e se transplanta: quer muita rega.

Violeta. — Vem em toda a terra: multiplica-se de semente e de raiz.

Yucca das Indias ou Agulha de Adam. — Multiplica-se por semente, ou pelos rebentos, ou do cume das velhas plantas; porém estes devem guardar-se em lugar secco depois de cortados pelo menos oito dias antes de serem plantados, a fim de que a ferida possa seccar, aliás ficam subjeitos a apodrecer em razão da humidade.

F. 15

Geraneo rubro

Nº 2 Trez petalas

Calice

Nº 1 Duas petalas

F. 17

Malmequeres brancas

Calice

Cinco petalas

F. 16

Larangeira

F. 18

Phlox

Nº 2 Pequena flor

Nº 1 Tubo

N. 3 Grande flor

# OBSERVAÇÕES

Não se deve semear, quando a terra está congelada do frio; nem se deve sachar planta alguma, quando venta do norte, porque o frio penetra ás raizes, e mata as plantas.

Havendo tempestades, tombam-se os vasos com o fundo contra o vento. E livrem-se as flôres delicadas do minimo sol: nem se toquem com as mãos.

Tanto ajuda a crescer as plantas o sachal-as a miudo, como o regal-as; e por isso se diz: ser obrigação do jardineiro trazer em uma mão a enxada, e na outra o regador.

É bom methodo para impedir a podridão das plantas, encher o fundo dos vasos ou alegretes com algum cascalho ou cavacos, a fim de escoar melhor a agua.

Será conveniente escaldar com agua a ferver a terra preparada para pôr flôres, a fim de matar primeiro as sementes dos bichos, e hervas nocivas.

As materias oleosas matam os insectos; mas tambem offendem as plantas, se lhes chegam á raiz.

Para impedir as formigas deve-se esfregar a arvore com tartaro, ao menos seis pollegadas.

A lagarta é quem mais desbasta um jardim; não se tem achado melhor meio para destruir este formidavel inimigo, do que desfazer-lhe os ninhos, e esmagar os ovos que as borboletas depõem, e que em poucos dias se transformam em lagartas, que ordinariamente de noite é que causam damno, e por isso de madrugada se devem procurar, e com paciencia se poderá diminuir consideravelmente o seu numero.

Para ter flôres mais bellas, que de ordinario, deve preparar-se uma camada de farinha de favas de lagoa sobre uma camada de terra, e depois outra camada, até que tenha altura sufficiente para nutrir as raizes das plantas.

Se depois de ter cortado as *antheras* a uma flôr, lhe fizerem cair sobre o *stigma* o pó fecundante d'outra flôr differente, a sua semente produzirá uma planta, que terá alguma cousa de uma e outra, i. e., da especie fecundante, e da fecundada sera um *neutro*; mas para esta operação é preciso que haja já alguma analogia entre as duas plantas, como succede nos animaes de differente especie. Se juntardes uma tulipa amarella com outra vermelha, não só da semente sairão rajadas, mas tambem das mesmas cebolas, até aonde o pó penetrou, e mudou a natureza.

# LINGUAGEM DAS FLORES

Nem só os orientaes fazem uso de ramos symbolicos para exprimir os seus sentimentos amorosos, em França seguem o mesmo costume, e por isso, em qualquer baile ou reunião campestre, dois namorados podem trocar os seus pensamentos, mediante um pequeno ramo de flôres, sem que os *profanos* possam perceber as suas intenções.

Para tal conseguir torna-se necessario o conhecimento da linguagem das flôres, que nos illucida as suas significações, e com esse estudo e uma pequena pratica qualquer joven apaixonada póde facilmente enviar ao seu amador os seus desejos, ou as ternas expressões que lhes dita o seu coração captivado.

É portanto um serviço que nós fazemos a todas as damas apaixonadas, e como a mocidade e a belleza dedica a melhor parte de sua existencia á seductora occupação que denominam *namoro*, não hesitamos em colleccionar n'este manual mais esta curiosidade, *chic*, engraçada e necessaria ás damas que se acham nas circumstancias acima ditas, esperado que esta lembrança alcance uma favoravel acceitação.

| | |
|---|---|
| Abeto | Exaltação. |
| Abobreira | Esperanças vãs. |
| Abrolhos | Trabalhos. |
| Asinthio | Ausencia. |
| Acácia | Amor platonico. |
| Acácia-rosa | Elegancia. |
| Açafrão | Paciencia. |
| Acantho | Nós indissoluveis. |
| Acónito | Vingança. |
| Açucena | Pureza. |
| Aipo | Pranto. |
| Alamo | Mudança. |
| Alamo negro | Coragem, valor. |
| Alecrim | Amo-vos. |
| Alfeneiro de Alemanha | Defeza. |
| Amarantho | Immortalidade. |
| Amarylis | Inconstancia. |
| Amendoeira | Travessura. |
| Amor de hortelão | Rudeza. |
| Anemona | Candura. |
| Angelica | Extasis. |
| Angelica branca | Prazer. |
| Argentina | Altivez. |
| Arruda | Castidade. |

| | |
|---|---|
| Arvore | Vida humana. |
| Asinheiro | Tristeza. |
| Aveleira | Reconciliação. |
| Avenca | Discripção. |
| Balsamina | Providencia. |
| Bem-me-quer | Pezar, afflicção. |
| Bem-me-quer junto com cypreste | Desesperação. |
| Boas noites | Timidez. |
| Bons dias | Infidelidade. |
| Botão de musgo | Esperança reservada. |
| Botão de oiro | Satisfação de amor. |
| Botão de prata | Calumnia. |
| Botão de rosa amarella | Desdem. |
| Botão de rosa cravo | Ciume. |
| Botão de rosa encarnada | Reciprocidade. |
| Buxo | Innocencia. |
| Camara do Brazil | Rigor. |
| Campainha | Indiscripção. |
| Canna | Inconstancia. |
| Cardo | Tormento. |
| Carvalho | Hospitalidade. |
| Casca de romã | Modestia. |
| Castanheiro | Fazei-me justiça. |
| Cedro | Grandeza. |
| Chagas | Crueldade. |
| Chicoria | Frugalidade. |
| Cidroeira (arvore) | Magoa. |
| Cipro | Caridade. |
| Clandestina | Amor occulto. |
| Clematitis | Artificio. |
| Coentro | Esquecimento. |
| Cominhos | Pragas, maldições. |
| Consolida real | Leviandade. |
| Corôa de rosas | Recompensa da virtude. |
| Couve | Proveito. |
| Cravo da India | Dignidade. |
| Cravo rosa | Amor contante e sincero. |
| Cypreste | Luto, afflicção. |
| Datura (herva moura) | Encantos fallazes. |
| Dormideira | Incerteza. |
| Endro | Perfeição. |
| Espigas | Fartura. |
| Espinheiro | Difficuldades. |
| Espinheiro alvar | Prudencia, sinceridade. |
| Esporas | Velocidade. |
| Feno | Gloria do mundo. |
| Feto | Sinceridade. |
| Figueira | Doçura. |
| Figueira brava | Temperança. |
| Figueira dourada | Vaidade. |
| Flôr de larangeira | Castidade. |

| | |
|---|---|
| Flôr de macieira | Preferencia. |
| Flôres | Esperanças. |
| Flôres campestres | Divertimento. |
| Flôres tristes | Ingralidão. |
| Folhas | Palavras. |
| Folhas de figueira | Penitencia. |
| Folhas seccas | Melancolia. |
| Folhas de vinha | Esperanças perdidas. |
| Funcho | Força. |
| Geranio-almiscar | Estima. |
| Geranio-limão | Capricho. |
| Geranio-rosa | Languidez. |
| Geranio-triste | Espirito melancolico. |
| Giesta-odorifica | Esperança quasi extincta. |
| Giesta-femea | Esperança enganadora. |
| Gingeira | Boa educação. |
| Girasol | Intriga. |
| Glacial | Indifferença. |
| Goiveiro amarello | Preferencia. |
| Goiveiro branco | Simplicidade. |
| Goiveiro encarnado | Desdem. |
| Hepatica | Confiança. |
| Hera | Fidelidade. |
| Herva cidreira | Dôr. |
| Heliotropio | Delirio, abandono. |
| Hisopo | Limpeza. |
| Hortelã | Amor exaltado. |
| Hortigas | Murmuração. |
| Iberida da Persia | Indifferença. |
| Incenso | Oração. |
| Jacintho | Pezar, e sentimento. |
| Jasmim | Paixão, deleite sensual. |
| Junco campestre | Docilidade. |
| Junquilho | Desejo. |
| Larangeira | Affabilidade. |
| Lilaz | Primeira emoção de amor. |
| Limoeiro | Desejo de correspondencia. |
| Linho | Aprecio vossas dadivas. |
| Lirio dos vales | Leviandade, indifferença. |
| Lirio roxo | Confiança. |
| Liz | Grandeza d'alma, pureza. |
| Loios (de jardim) | Delicadeza. |
| Losna | Amargura. |
| Loureiro-amendoa | Gloria, triumpho. |
| Loureiro-rosa | Belleza, doçura. |
| Macieira | Amor. |
| Madre-silva | Laços de amor. |
| Mal-me-quer | Pena, tormento. |
| Mangericão | Indigencia. |
| Maravilhas | Brevidade. |
| Margarida dobrada | União de sentimentos. |
| Martyrio | Paixão. |

| | |
|---|---|
| Melampiro | Riqueza. |
| Menidulho | Calma, tranquillidade. |
| Mirra | Mortificação. |
| Morangueiro | Presagio. |
| Mornão | Rendez-vous. |
| Murta | Amor, sentimento. |
| Narcizo | Egoismo. |
| Nardo | Devoção. |
| Nogueira | Virtude. |
| Oliveira | Paz. |
| Orelha de rato | Não vos esqueçaes de mim. |
| Orvalho | Gelam-me vossos fogos. |
| Palma | Castidade, |
| Papoula silvestre | Reconhecimento. |
| Pentafilo | Minha querida. |
| Pereira | Ira. |
| Perpetua | Constancia eterna. |
| Pervinca | Dôces recordações. |
| Pecegueiro | Guerra. |
| Pinheiro | Morte. |
| Pionia | Atrevimento. |
| Pyramide azul | Constancia. |
| Plátano | Alteza. |
| Primavera | Desejo de amor. |
| Rainha Margarida | Segredo, cuidado. |
| Raizes | Grandeza, esplendor. |
| Ramo | Desejo. |
| Rainunculo | Impaciencia. |
| Raquel | União. |
| Resedá | Vossas qualidades excedem vossos encantos. |
| Romeira | Fatuidade. |
| Rosa | Graça, belleza. |
| Rosa amarella | Infidelidade. |
| Rosa avelludada | Gentileza. |
| Rosa branca | Silencio, |
| Rosa capuchina | Brilhantismo. |
| Rosa de quatro estações | Formosura inalteravel. |
| Rosa do Japão | Amor constante. |
| Rosa de Jerichô | Graças. |
| Rosa de musgo | Amor, voluptuosidade. |
| Rosmaninho | Vossa presença me anima. |
| Salgueiro | Herança. |
| Salgueirinho | Lealdade, tristeza, lagrimas |
| Salsa | Gosto. |
| Saudade | Tormento. |
| Sensitiva | Pejo. |
| Silva | Prisão. |
| Sorveira | Prudencia. |
| Teixo | Tristeza. |
| Tojo | Solidão. |
| Tomilho | Actividade. |

| | |
|---|---|
| Tulipa | Declaração de amor. |
| Urze | Isolamento. |
| Valeriana rubra | Facilidade. |
| Verbena ou herva colombiana | Encanto. |
| Videira | Alegria. |
| Violeta branca | Ingenuidade. |
| Violeta roxa azulada | Modestia. |
| Zimbro | Peccado. |

**Modo de marcar as horas por meio de plantas**

| | |
|---|---|
| 1 hora | Rosa de cem folhas e buxo. |
| 2 » | Baunilha e buxo. |
| 3 » | Rosas brancas e buxo. |
| 4 » | Cravos encarnados e buxo. |
| 5 » | Resedá e buxo. |
| 6 » | Cravos rajados e buxo. |
| 7 horas | Dhalias e buxo. |
| 8 » | Flôr de laranja e buxo. |
| 9 » | Rosas amarellas e buxo. |
| 10 » | Mal-me-queres e buxo. |
| 11 » | Violetas e buxo. |
| 12 » | Amores-perfeitos e buxo. |

*N. B.* Sendo as horas á noite, o buxo deverá ser substituido por loiro.

## SEGREDOS DO TOUCADOR

**Côr artificial, para animar a natureza do rosto, do peito, e dos braços**

Tomam-se partes iguaes de talco mui branco e mui fino, e de poz de gomma, triturem-se muito bem com quanto baste de carmim mui fino da China, para dar a estes poz uma bella côr de carne, e guardam-se em vidro bem fechado.

Tome-se *alumina* bem pura e secca, reduza-se a pô impalpavel juntamente com uma pequena porção de *carthamina*, bem preparada, e guarde-se para o uso.

### Modo de usar d'estas preparações

Achando-se bem lavada e enxuta, a parte do corpo que se quer corar, toma-se um pouco de algodão bem limpo, fino e poido, toca-se com elle em qualquer das duas composições que ficam mencionadas, e refrega-se bem toda a pelle, que tomará uma linda côr de carne natural, sendo impossivel conhecer se é artificio: o que não acontece quando estas ou outras composições são muito carregadas de côr, e que por isso a pelle ficando corada de mais, descobre-se facilmente não ser natural.

*
* *

Achamos do bastante interesse para o toucador das damas a seguinte formula para a confecção de uma economica pomada de rosas, a qual tem bastantes applicações no uso domestico.

### Pomada de rosas

Com uma libra de bem preparada manteiga de porco, sem cheiro, se mistura outra libra de folhas de rosa, amassando-se perfeitamente. Depois derrete-se a manteiga e conserva-se dois dias em fusão, mechendo-se frequentemente por espaço de tempo. Estando fria, derrete-se de novo porém em banho-maria, afim de separar as flores, passando-as por panno fino. Estas flores espremem-se depois n'um panno claro e forte, extraindo-se-lhes todo o aroma que possa ficar. Fria novamente a manteiga, ajunta-se-lhe outra porção de folhas, repetindo a operação que já se fez, e conservando-se n'esse estado um dia, no fim do qual se lhe ajunta meia dragma de essencia de vergamota por cada libra de manteiga, vasando-se logo para os frascos que lhes forem destinados.

### Agua ingleza para fazer crescer o cabello

O effeito d'esta agua dizem ser maravilhoso para fazer crescer o cabello; a sua composição é a seguinte:

| | | |
|---|---|---|
| Agua de rosas | 0,100 | grammas |
| Acido acetico | 0,25 | » |
| Essencia de cantaridas | 0,25 | » |
| Dita de violeta | 0,15 | » |

Misturam-se todos estes ingredientes, e usa-se duas vezes por semana, molhando uma esponja n'este liquido e esfregando com ella a raiz do cabello.

Quando se faz uso d'este liquido deve agitar-se o frasco, com o que causará uma ligeira irritação á pelle da cabeça.

### Excellente pomada para o cabello

Toma-se 125 grammas de manteiga de porco deporada e bem fresca, e junta-se-lhe duas pequenas colheres cheias de quinquina em pó; misturam-se estes ingredientes com uma colher de prata, podendo vasar-se em seguida a pomada nos seus frascos afim de se guardar.

### Leite virginal para refrescar a cutis

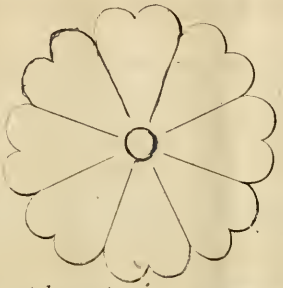
Vinte grammas de amendoas doces e oito grammas de amendoas amargas, metter-se em agua a ferver, triturando-se depois n'um almofariz de pedra.

Emquanto se pizam, junta-se-lhes pouco a pouco cento e sessenta grammas de agua de rosas. Passa-se esta mistura por uma cambraia fina, e junta-se-lhe em seguida um grão de benjuim para aromatisar.

F 19

Ranunculo

Parte inferior



Doze petalas quatro
para os dois botões

F 20

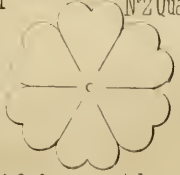
Rosa avelan

F 21

Rosa Pompon

Nº1 Duas petalas

Nº2 Quatro petalas



Nº 3 Quatro petalas

### Limpeza de cabello

Para limpar o cabello postiço que as damas usam nos seus penteados, procede-se do modo seguinte: mette-se o cabello em agua fria, e faz-se ferver pelo espaço de um segundo, aparta-se e deixa-se esfriar completamente antes de se pentear. Com nozes verdes quebradas e postas em infusão por muitos dias ao ar livre, se faz uma preciosa agua que serve para lavar o cabello, que ficará perfeitamente bello.

Muitos cabelleireiros aconselham o fel de vacca dilluido em agua, afim de limpar, lustrar, e amaciar o cabello natural.

### Modo de dar lustro aos pannos e mais estofos que o hão perdido por terem sido lavados ou molhados

Passa-se pelo logar que se acha sem lustro, e ao correr da felpa do panno, uma escova branda humedecida n'uma dissolução tenue de gomma arabica. Põe-se-lhe por cima um pedaço de papel, e sobre este um bocado de panno, e por fim uma taboa lisa sobre a qual se põe algum peso e deixa-se assim estar até seccar-se.

### Modo de saber se a côr de um panno é solida

O meio mais certo é sem contradicção o expôr o panno ao sol por decurso de algumas semanas, tendo cuidado de molhal-o de tempos a tempos com agua. Se com isto a côr se não desbota póde ter-se por solida.

### Modo de limpar a lã quando se acha roida dos insectos

Dissolva-se em 4 litros e meio de agua a ferver libra e meia de pedra hume, e outro tanto de cremor tartaro, ajuntem-se-lhe 34 litros e meio de agua fria, metta-se dentro a lã, e deixe-se estar de molho n'este liquido alguns dias; depois lava-se e ponha-se a seecar, que não terá mais perigo de ser atacada pelos insectos.

### Para conservar a lã e plumas

Mettam-se tanto a lã como as plumas n'um forno de cozer pão, quando, tirado este, o calor é supportavel, e depois de bem seccas, guardem-se em um logar secco e lavado do ar, e mecham-se todos os dias.

### Composição para reparar a roupa branca e o panno de linho, quando porventura se acham em alguma parte chamuscados

Faça-se ferver 50 grammas de greda em 7 decilitros de vinagre branco, ajunte-se-lhe 30 grammas de estrume de gallinha, 15 grammas de sabão, ou aliás o sumo de duas sebolas bem expremidas, e quando esta mistura começa a tomar consistencia e a espessar-se, molhe-se com elle o logar chamuscado, e o panno de linho tornará a tomar a côr branca que d'antes tinha, a não ter sido de todo queimado.

*
* *

Para lavar *foulard* e flanella. Estas duas tellas podem lavar-se muito bem em casa, empregando um sabão que contenha enxofre. Os objectos feitos de flanella ou de ponto de lã, ficam perfeitamente brancos e não encolhem. Lavam-se em agua morna e ensaboam-se de modo que façam uma espuma espessa, depois do que se enxaguam com agua morna, sendo roupa de lã, e com agua fria se é *foulard*. A seda não se torce, mette-se entre dois pedaços de panno de linho e passam-se logo a ferro.

*
* *

LIMPEZA DAS LUVAS DE PELLICA. — Um dos processos melhores e mais simples para limpar as luvas de cabrito, cordeiro e cabra, consiste em humedecer ligeiramente em agua um pedaço de flanella que em seguida se passa por sabão em pó, e com esta flanella esfregar as luvas que devem estar estendidas sobre os dedos ou sobre pausinhos; depois enchugam-se com uma outra flanella bem seccà. Querendo-se, póde ser applicada da mesma forma uma mistura de leite e carbonato de soda.

Para limpar *tulle* e renda branca, diz uma acreditada folha estrangeira, que se mettem n'um saquinho, e se mergulham em azeite commum por espaço de vinte e quatro horas, no fim das quaes se mergulha o saquinho em agua muito saturada de sabão, a qual deverá estar fervendo.

Passado um quarto de hora tiram-se as rendas, esfregam-se brandamente e enxoguam-se com agua morna, e se molham em agua de gomma, e depois de estendidas deixam-se seccar.

*
* *

Para lavar um vestido de seda se descose todo, e lava-se com agua morna de *saponaria* e se deixa seccar. Depois humedece-se com espirito de vinho, misturado com agua, estendendo-o logo entre dois pannos brancos, e sendo possivel melhor ficava mandal-o metter n'uma prensa; ficando de qualquer modo como novo, uma vez que este trabalho seja executado com todo o cuidado.

*
* *

Para livrar da traça as roupas de lã, pelles, etc. — Não se applica ás pelles ou aos tecidos de lã o espirito de therebentina (agua raz) por ter um cheiro muito desagradavel; basta collocar na commoda ou guarda-roupa de que se faz uso, alguns pedaços de camphora, ou alguma herva bastante aromatica, como arruda, por exemplo, ou mesmo ambas as coisas.

Para as roupas de panno é melhor sacodil-as bem a meudo e collocal-as ao ar, durante o dia, porque a traça de ordinario só apparece pela noite.

### Das nodoas

As nodoas, quer sejam de gordura, d'oleo ou de resina, tiram-se por diversos modos; porém como estes accidentes succedem repentinamente, sem se poder ter á mão os ingredientes que entram de ordinario nas diversas receitas, com que se costumam remediar, trataremos primeiramente do modo com que se fabricam diversos bolos, que se possam ter guardados, para quando necessitarmos d'elles.

Os bolos para tirar nodoas fabricam-se de differentes maneiras; daremos em seguida a receita dos que são mais faceis de fabricar, e que produzem os melhores resultados.

### Primeira receita

Pulverise-se uma pouca de greda bem secca, molhe-se com sufficiente quantidade de sumo de limão, ajunte-se-lhe uma pequena quantidade de cinza de casca de outras, ou de conchas, amasse-se muito bem tudo, e depois de estar reduzido a uma pasta de certa consistencia, divide-se em diversos bolos, ponham-se a seccar ao sol, e logo que estejam bem seccos guardem-se.

Para se tirar as nodoas com estes bolos, molham-se primeiro estas com agua; feito isto esfregam-se com o bolo e põe-se a enxugar ao calor do sol, e logo que estejam seccas, enxaguam-se com uma pequena porção d'agua, e as nodoas desapparecem.

### Segunda receita

Em seis gemas d'ovos e meia colher de sal, amasse-se bem quinhentas grammas de sabão de pedra do mais superior, logo que tudo esteja bem pisado e encorporado, façam-se bolos que se porão a seccar á sombra. Para se tirar a nodoa de qualquer panno, basta sómente ensaboal-a de ambas as partes com esta composição.

### Terceira receita

A uma porção de sabão raspado, deve-se ajuntar alguma cinza de vides, bem peneirada, e uma pequen[a] quantidade de pedra hume calcinada, e de cremor de tartaro em pó mui fino; misture-se tudo isto muito bem, e façam-se os bolos de pequeno tamanho, os quaes são excellentes para tirar toda a especie de nodoas, que uma vez ensaboadas com esta preparoção, desapparecem immediatamente.

### Agua para tirar nodoas de pannos de lã

Em seis feis de boi deita-se outra tanta porção de agua de chuva, meia libra de tartaro, e trinta grammas de pedra hume em pó; tome-se depois um copo de vinagre, deitem-se dentro seis oitavas de vitriolo bom pulverisado, misture-se tudo e ponha-se ao fogo a ferver até diminuir duas terças partes, e depois de frio póde engarrafar-se.

A maneira de empregar-se este liquido é esta. Molha-se n'esta agua um bocado de panno de lã que seja novo e esfrega-se com elle a nodoa até ficar secco o panno, e logo desapparecerá a nodoa. Depois lava-se o logar da mancha com agua quente e sabão.

### Outra receita para tirar nodoas

Misture-se uma porção de sal em pó com outra de sabão negro: esfregue-se com esta mistura a nodoa, deixe-se seccar, enxagua-se com uma barrela branda, e depois com agua.

### Modo de tirar nodoas oleosas

Molha-se o logar da nodoa com uma pouca de gomma de roupa, que esteja quente, e deixe-se de molho por uma noite; no dia seguinte lava-se em agua muito bem, e põe-se a seccar ao sol ou á sombra, segundo a qualidade da côr.

### Nodoas de vinho

Basta para tirar qualquer nodoa de vinho, molhar o logar da mancha com uma das composições já mencionadas, deixando ficar o logar da nodoa de molho no dito liquido, por um espaço de tempo.

### Nodoas de ferrugem e tinta

As nodoas de ferrugem e de tinta que se não vão com sal de azedas, ou oxalato acidulo de potassa, desapparecem de ordinario quando ao sobredito sal se ajuntam algumas raspas de estanho.

Põe-se n'uma colher de prata o sal de azedas, e as raspas de estanho com agua, e depois de pôr a aquecer a colher ao fogo, molha-se na dissolução a nodoa que logo desapparece.

### Modo de tirar as nodoas de tinta de escrever

As nodoas de tinta em roupa branca, tiram-se com muita facilidade deitando sal e sumo de limão em cima

da mancha; esta operação deve ser feita ao sol, e repete-se até que a mancha se desvaneça de todo. Lavada a roupa muito bem, e posta a corar ao sol, fica perfeitamente limpa.

### Modo de tirar nodoas em seda, lã e linho

Tome-se doze gottas de espirito de terebinthina, e outra igual porção de espirito de vinho; misture-se com sufficiente quantidade de greda, e de tudo isto faça-se uma massa; esfrega-se com ella a nodoa em seeco, ou com alguma agua, escova-se depois muito bem o logar da mancha, e ella desapparecerá.

A maneira mais prompta e segura da tirar nodoas de setim, seda, damasco, etc., consiste em esfregar os estofos com essencia de terebinthina; e sendo o fundo branco, passal-os por agua e sabão, e por fel de boi, ou gemma d'ovo, sendo de côr.

Os estofos de fundo branco ensaboam-se optimamente, e uma vez que não tenham outras côres, depois de tirada a nodoa, podem ser fervidos em agua e sabão, e passal-os depois ao enxofre sem os enxugar.

Os estofos de seda de côr escura, principalmente aquelles em cujas côres entra o açafrão chamado bastardo, terra-merita, que entram na composição das tintas com que se tinge a seda, limpam-se com fel de boi.

Os damascos depois de limpos devem ser bem enxaguados, aliás o sabão deixaria uma nodoa branca.

### Nodoas de cera

A melhor maneira de tirar esta qualidade de nodoas consiste em molhar a parte manchada com um pouco de espirito de vinho, ou mesmo aguardente bastante forte, e esfregal-a depois. A cera desfaz-se immediatamente, e a nodoa desapparece.

As nodoas de cera em veludo de qualquer côr que seja, exceptuando o carmezim, tiram-se com uma fatia de pão bem torrada e bem quente, a qual se applica sobre a cera uma e outra vez até absorvel-a toda.

### Nodoas de azeite

Sendo a nodoa de pouco tempo, calcinam-se dois pés de carneiro, e põe-so a cinza quente sobre a nodoa,

e por cima alguma coisa que tenha bastante peso, e assim se conserva perto de doze horas. No caso de a nodoa não sair completamente, pratica-se segunda e terceira vez esta receita.

As nodoas de azeite em panno de lã molham-se com o oleo de tartaro, enxaguam-se com agua morna, e duas ou tres vezes com agua fria e bem pura.

## Lavagem de roupa

### CHITA

Para lavar toda a qualidade de roupa de chita, é muito conveniente preparar uma agua de sabão, e lavam-se n'ella pelo modo ordinario. Para fazer esta agua, convém o sabão chamado molle, uma vez que seja de boa qualidade. Duas são as utilidades que se tiram do emprego d'este methodo, evitar a fricção do sabão que estraga a roupa. e limpal-a com uniformidade por toda a parte, coisa difficil de conseguir, esfregando os vestidos com sabão.

Acontece muitas vezes que os pannos de algodão e particularmente as chitas verdes e encarnadas, se debotam com esta lavagem; porém este accidente remedeia-se mui facilmente ajuntando á agua na occasião de se enxugar. algumas gotas de sumo de limão, d'acido nitrico, sulfurico, ou em todo o caso de vinagre.

Depois de bem lavados por este processo os vestidos de chita, mettem-se n'uma agua espessa de arroz, feita com um kilo para doze litros de agua; que se põe a cozer até a agua engrossar. Enxagua-se então muito bem n'esta agua os vestidos; deita-se esta agua fóra, torna-se a cozer o arroz em outra, lavam-se n'esta agua, sempre morna. os vestidos, enxaguam-se em seguida, com agua de arroz menos forte, e põem-se a seccar, podendo ser depois alizados com pedra ou cylindro.

### SEDA

Dissolve-se em sufficiente quantidade de agua a ferver a quantidade de sabão necessaria para fazer uma agua forte: metta-se n'esta agua bem quente a seda que se deseja lavar, e depois de bem ensopada, espreme-se uma e mais vezes sem torcer nem esfregar; se por ventura houver alguma nodoa mais rebelde, esfrega-se a parte manchada, na agua de sabão; e sendo necessario ensaboar-se duas ou tres vezes com a dita agua enxa-

gua-se depois em agua fria, e ponha-se a seccar. Depois de secca, escove-se muito bem com uma escova branda e sempre no mesmo sentido.

Passe-se depois de lavada a seda branca ao vapor do enxofre, o que se faz pendurando a obra na altura de duas braças n'um quarto com a janella fechada, e onde não haja chaminé, no qual se põe um brazeiro, tendo uma folha de ferro e sobre esta alguns bocados de enxofre, depois do que se fecha a porta.

Derrete-se o enxofre, e se converte em acido sulfurico o qual actua sobre a seda e a torna branca; porém como este gaz tende da alterar alguma coisa a seda, será mui conveniante haver na parede ou porta alguma abertura por onde se possa observar em que estado se acha a operação. Se são meias de seda ou outro qualquer objecto de pouco volume, podem-se enxofrar n'uma caixa.

Qualquer que seja a maneira com que se proceda, deve a pessoa que d'isto se encarrega ter muito cuidado de não respirar o vapor mortifero do enxofre.

### SEDA PRETA

Para conseguir perfeitameate lavagem da seda preta, desfaz-se um pouco de fel de boi em sufficiente quantidade d'agua a ferver, e com uma esponja molhada n'esta mistura, esfrega-se a seda pelo avesso e direito, com bastante igualdade, depois do que, espreme-se muito bem, e enxagua-se em agua de rio até a agua sair bem clara; espreme-se outra vez sem torcer e põe-se a seccar ao ar livre muito bem estendida.

Logo que esteja secca lustra-se, e esfregando pelo avesso com uma dissolução de colla de peixe, escova-se brandamente e com promptidão. Se por ventura a seda tem perdido a côr, será necessario avival-a deitando ao enxagual-a cinco ou seis gottas de acido sulfurico.

### SEDAS DE VARIAS CORES

As sedas de côres pouco fixas, devem-se ensaboar como a seda branca; porém com muita promptidão a fim que não desbotem; não que seja sempre impossivel avivar-lhes as côres, pois que para isso conseguir ha diversos meios, mas sim porque é melhor não ter necessidade de recorrer a elles; quando porém isto acontece, se a seda é carmezim, amarella e côr de castanha, ajunta-se ao enxaguar em agua de rio, algumas gottas de

acido sulfurico; se fôr côr de rosa ou de carne, em vez de acido sulfurico, empregar-se-ha sumo de limão ou vinagre, e o mesmo se deve praticar com a côr escarlate, ajuntando-lhe a composição de que os tintureiros se servem para pôr este côr.

A côr de azeitona torna-se mais viva ajuntando ao enxaguar algumas gottas d'uma dissolução de capa-rosa azul, ou de suifato de ferro. Para a seda azul não se conhece por em quanto remedio verdadeiramente efficaz.

### Limpeza de fitas

Lavam-se as fitas da mesma maneira que as sedas, lavadas dá-se-lhes o competente lustro com uma dissolução de gomma de peixe bem fraca, a qual se applica pelo avesso da fita, com uma esponja; feito isto, em logar de se collocarem a seccar estendidas em cordas, põem-se entre duas folhas de papel em cima d'uma meza, e com um ferro de engommar, e sem crestar as fitas, engommam-se por cima do papel, e á maneira que se vae engommando vae outra pessoa puxando pelas fitas em linha recta.

### Renda, filó, e cambraia

Antes de lavar qualquer renda, filó, ou cambraia, deve-se examinar com muito cuidado, e tendo alguma malha rota, é necessario tomal-a, sem o que se tornaria o buraco maior, pela acção de a lavar, e ainda muito mais ao estender qualquer d'estas delicadas fazendas.

Passa-se a renda, filó, ou cambraia, por tres aguas de sabão bem quentes sem esfregação, e tão sómente apertando-as na mão uma e outra vez, e depois a seccar ao sol. Ha pessoas que se servem d'outra receita, a qual consiste em deixar as rendas, ou outros objectos, de molho por algum tempo n'uma mistura d'agua e sabão com sebo de carneiro; engommam-se depois com gomma antes de se passar a ferro, deixa-se um pouco de tempo d'entro d'um guardanapo bem lavado.

### Modo de lavar estofos de lã, meias, etc.

As meias ou outro qualquer objecto que se deseje lavar, deve ser mettido n'uma ligeira agua de sabão, esfreganda-se depois como a outra roupa.

As camisas de flanella que se trazem em cima da pelle, lavam-se melhor em agua de sêmeas ou de massa de amendoas, isto porém depois de ensaboadas, porque por este meio obsorvem com mais vantagem o suor. D'este modo se lavam os chales e vestidos de lã, etc.

### Maneira de limpar os chapéos de palha

Tira-se o forro do chapéo, e n'uma forma de madeira branca se põe o chapéo em cima d'uma banca, esfregando-se por toda a parte com uma dissolução de potassa bem branca, preferindo a que vem dos Estados-Unidos por ser a melhor. Tiradas que sejam as nodoas, passa-se o vapor do enxofre, e dá-se-lhe o competente lustro, molhando-o com uma esponja embebida em agua de arroz, ou n'uma dissolução de gomma, engommando-o em seguida com um ferro quente por cima de papel pardo. Esta operação deve ser feita, conservando-se sempre o chapéo mettido na fórma, bem aceiada. A palha tambem se torna muito branca, uma vez que seja mettida n'uma solução de acido meireatico saturado de potassa, e a palha se tornará alva e flexivel.

### Agua especial para se lavar estofos de algodão, lã e seda

Depois de bem lavadas, raspa-se uma porção de batatas, e passa-se a massa por uma peneira posta em cima d'uma bacia grande, ou outro qualquer vaso, porém com muito pouco agua, e espremendo-se pouco a pouco a dita massa faz-se sair d'ella toda a agua de vegetação, ou por outra, todo o seu succo, o qual se ajunta com agua da bacia.

Deixa-se assentar e escoa-se a agua que se guarda. Em seguida estende-se em cima d'uma mesa o vestido, ou outro qualquer objecto que se deseja lavar, e esfrega-se de leve e repetidas vezes com uma esponja embebida na agua que se tirou das batatas, enxaguando-se depois com todo o cuidado.

A perfeição d'esta operação torna o objecto que se limpa, como novo.

### Maneira de lavar a ganga

N'uma ampla bacia cheia d'agua deita-se uma mão cheia de sal commum, e n'essa agua é que se deve pôr

de molho o objecto de ganga que se deseja lavar, isto pelo espaço de 24 horas. Depois lava-se sem se torcer e sem uso de sabão com decoáda quente, e a ganga conservará a sua côr primitiva.

### Novo modo de limpar luvas

O melhor modo de lavar as luvas sem as molhar, consiste em estendendel-as n'uma taboa bem limpa, e com uma escova dura e uma mistura de greda bem enxuta, e de pedra hume em pó, escovem-se bem as luvas por todas as partes e depois de bem sacudidas, tornam-se a escovar com sémeas e alvaiade, o que será sufficiente para as tornar limpas.

Se por casualidade as luvas tiverem algumas nodoas de gordura, é necessario tiral-as com uma fatia torrada, e em seguida esfregala com um bocado de lã, pulverisado de greda e pedra hume.

### Maneira de conservar pelles e fato de lã

Batem-se em primeiro logar, com todo o cuidado, as pelles e os vestidos de lã, envolvem-se depois em panno de linho com algum pó de camphora, e guardam-se n'um bahu ou guarda-roupa fechado. Antes de se usar este fato ou pelles, é conveniente tornar a batel-o, e até expol-o ao ar livre durante vinte e quatro horas.

### Preservativo contra a traça

Para livrar d'este reptil destruidor qualquer vestido ou peça de pelles, bastará pôr no bahu, gavetas, ou armario em que elles se guardem, folhas de cedro, de valeriana, tabaco, alfazema, arruda, ou de outra qualquer planta que tenha aroma forte.

### Maneira de lustrar os pannos

Passa-se pelo logar que se acha sem lustro e ao correr do fio do panno, uma escova branda e humedecida n'uma dissolução tenue de gomma arabica. Póe-se-lhe por cima um bocado de papel e sobre elle um bocado de panno, e por fim uma taboa lisa sobre a qual se põe em algum peso, conservando-se assim até seccar de todo.

### Maneira de evitar que a lã seja roida pela traça

Dissolva-se em sete decilitros d'agua a ferver libra e meia de pedra hume, e igual porção de cremor tartaro; ajunte-se-lhe trinta e quatro litros de agua fria, metta-se dentro a lã, deixe se estar de molho n'este liquido por alguns dias; depois lava-se e ponha-se a seccar, que não será mais atacada pela traça.

### Novo modo de lavar a flanella

Tomem-se duas colheres de farinha, e 3 litros de agua em que se tenha desfeito muito pouco sabão: misture-se bem a farinha, ponha-se ao lume, mexendo-se bem para que não encaroce. Esta mistura deve ficar na consistencia de um caldo grosso. Mesmo a ferver deita-se sobre a flanella que se pretende lavar até ella estar toda embebida, e logo que se possam metter as mãos por estar mais fria, esfrega-se muito bem, depois do que passa-se por uma agua limpa; deita-se depois a outra metade de mistura sobre a flanella, e torna-se a esfregar como na primeira vez, tornando-se a passar por aguas limpas. Por este modo fica a flanella muito alva e muito macia.

### Modo de restituir ás plumas o seu brilho primitivo

Para restituir ás plumas ou pennas empastadas das aves, a sua fórma, brilho e flexibilidade, basta mergulhal-as por um momento em agua a ferver, e seccal-as depois ao lume. Póde-se d'este modo, restituir ás aves enviadas de paizes remotos, cuja plumagem tenha soffrido alguma alteração durante o transito, toda a belleza que possuiam quando eram vivas.

### Novo methodo de lavar roupa

Este methodo é talvez o melhor, pois emprega menos sabão e menos tempo, e não necessita esfregar-se a roupa. Mettem-se as peças que se querem lavar em bacias de agua quente de 5 graus, e faz-se dissolver n'ella um terço ou um quarto de sabão; deixa-se assim de molho a roupa por espaço de dois dias (ou dia e meio) e passado este tempo, tira-se a roupa, enxague-se em agua bem clara, e torce-se muito ao de leve. A este tempo deve estar quente a agua necessaria para cobrir a roupa, e um terço de sabão dissolvido, o qual se

mette dentro da roupa, e põe-se ao lume até a agua levantar fervura e assim se deixa estar por um quarto de hora. Tira-se do lume, e quinze minutos depois, póde-se enxaguar de novo e torcer levemente a fim de enxugar.

### Receita para engommar a polimento

Para cada quarta de bons pós de gomma se ajunta 30 grammas de espermacete em rama, cuja gomma se faz do modo seguinte: Raspa-se o espermacete e derrete-se na agua sufficiente para fazer a gomma, e quando tudo estiver muito bem misturado, mette-se n'esta gomma as camizas ou a roupa que tem de se engommar, deixa-se seccar completamente, e quando, secco esfrega-se muito até cair todo o espermacete, que pelo arrefecimento torna a solidificar, borrifa-se a roupa n'este estado e corre-se a ferro quente como a outra gomma ordinaria, e ficarão as peças de roupa engommadas com esta gomma tão lustrosa como o polimento.

### Agua de belleza

Mixture-se 7 litros de agua corrente com 4 de agua de rosas de primeira qualidade, junte-se-lhe 4 oitavas de balsamo de Tolu, 2 de balsamo de Peru, e outro tanto de benjoim, e vascoleje-se a miudo, o que tambem se deve fazer todas as vezes que d'esta agua se quizer fazer uso.

### Leite de rosas

120 grammas de potassa, 120 ditas de agua de rosas, 60 grammas de agua-ardente pura (ou 30 de bom alcool) 60 grammas de sumo de limão; deita-se tudo isto em litro e meio de agua bem pura, e serve para deitar duas colheres d'esta composição na agua em que se lava o rosto.

Este leite embranquece e amacia muito a pelle.

### Modo de tornar permeavel toda a qualidade de tecido

Dissolvem-se 500 grammas de alumen em 16 litros de agua; de outro lado fazem-se dissolver 500 grammas de acetato de chumbo, e igual quantidade de agua. Misturam-se depois os dois liquidos, e obtem-se o

precipitado branco, que é o resultado do chumbo. Decanta-se o liquido contendo acetato de alumina, e mergulhe-se o estofo que se quer permear.

### Outro processo contra a traça

Para destruir este verme, ou preservar a roupa guardada da sua voracidade, é conveniente salpicar levemente com semente de barrilha, ou mesmo introduzir nas dobras e pregas do fato uma pouca d'esta semente, a qual, além de acabar com a traça, tem a vantagem de communicar á roupa um cheiro agradavel e pouco forte. O mesmo methodo se emprega com as pelles e as plumas.

### Para beneficiar a seda

Os vestidos de seda preta estão subjeitos a apanhar poeira e algumas nodoas na base das saias, isto por causa do comprimento das caudas que se usam. Limpam-se perfeitamente com cerveja não fermentada, isto é, cerveja da pipa, a qual se aplica com uma escova macia, correndo por igual todas as partes manchadas pela poeira, ou que tenham alguma nodoa, não sendo de gordura. O espirito de vinho tambem tem muito boa applicação para este mesmo effeito.

### Novo modo de restaurar as fitas

Para restaurar as fitas manchadas, basta deitar n'um litro d'agua um pedaço de soda do tamanho d'uma noz. Mettem-se n'esta preparação as fitas que se desejam beneficiar, tiram-se para fóra, deixam-se escorrer e ainda humedecidas passam-se a ferro pelo avesso, ficando depois d'esta operação tão bellas como se fossem novas.

### Pastilhas para tirar nodoas

Tomam-se 300 grammas de sabão branco, cortam-se em aparas, e dissolvem-se em 4 decilitros de fel de vacca, a um doce calor, em vaso de barro bem vidrado, ou de cobre; agita-se tudo continuadamente até ter

adquirido a consistencia desejada: tira-se o vaso do fogo, e junte-se-lhe pó de canella, e de cravo mui fino, até que tudo esteja aromatizado: lance-se nos moldes de papel, e quando estiverem as pastilhas enxutas, burnem-se a fim de ficarem lustrosas.

### Agua que destroe as manchas e as sardas do rosto

| | |
|---|---|
| Agua de flôr de laranja..... | 2 decilitros |
| Vinagre distillado..... | 60 grammas |
| Dissolução de sal ammoniaco, composto..... | 6 decilitros |

Misture-se tudo bem e guarde-se em vaso bem tapado.

Quando se usa d'esta agua, deita-se uma pequena quantidade d'ella em copinho de vidro, e com pequeno pincel mui fino applica-se sobre as manchas repetidas vezes, e depois lava-se o rosto com agua simples, em que se tenha deitado uma pequena porção de agua de colonia.

A dissolução do sal ammoniaco, faz-se dissolvendo uma oitava do dito sal, e dez grãos de sublimado corrosivo, em meio litro de agua distillada.

É preciso advertir que esta agua se deve desviar da bocca, por causa do sublimado corrosivo que é venenoso.

### Processo para tirar as nodoas no panno de lã branco

Lava-se a nodoa com agua até que esta não produza effeito sensivel, depois ensaboa-se, lava-se ainda com cuidado n'outra agua: e expõe-se o panno, que deve conservar-se humido, ao vapor de enxofre acceso. Esta operação executa-se de dois modos diversos.

Querendo-se applicar o vapor do enxofre a um ponto determinado, faz-se-lhe um funil de papelão ou de papel, debaixo do qual se accende um bocado de enxofre. e expõe-se no vertice (bico) do funil a nodoa que se quer tirar, com a precaução de pôr o panno n'uma distancia sufficiente a fim de não ser queimado ou cha-

muscado; quando se deseja praticar a operação ao mesmo tempo em diversos pedaços de panno, dispõe-se estes em differentes alturas sobre grades de madeira branca n'um quarto pequeno, ou n'uma caixa de madeira; debaixo da grade inferior, e em distancia tal que não prejudique o panno, põe-se um brazeiro com alguns carvões accesos, e lança-se-lhe em cima um pouco de enxofre, fecha-se a caixa, ou quarto, e não se abre senão duas ou tres horas depois, para tirar o panno.

As nodoas de vinho, amoras e licores, não cedem senão a uma fumigação de enxofre depois de serem ensaboadas.

As nodoas de licor verde de losna, só desapparecem por meio de uma dissolução alcalina de enxofre, diluida em agua para não alterar o panno.

### Gomma fina para roupa

A gomma superior destinada a engommar roupa, faz-se ordinariamente de batatas, pois a de trigo não é superior. Escolhem-se as batatas mais perfeitas e que apresentem maior carnosidade e ralam-se n'um ralador poisado sobre um alguidar ou uma bacia grande que tenha agua fria. Depois de todas as batatas estarem raladas agita-se a polpa na agua, e formando-se bolas, tira-se da agua.

O deposito que fica é esgotado, e renovando-se-lhe agua pura, novamente se extrahe a polpa, operando d'este modo até que a parte farinhosa que se deposita fique limpa e pura. O pó é depois córado em agua limpa, ao sol, por espaço de alguns dias, até ficar alvo como a neve. Enchuto que seja, guarda-se em frascos bem rolhades. Com quanto pareça que estes pós de gomma fiquem caros, são muito commodos, pois que uma pequena porção d'elles dá um bello e grande resultado.

F 22

Tulipa

F 23

Verbena

Grande flor

Pequena flor

Calice

Nº1 Uma petala

F 24

Nº2 Duas petalas

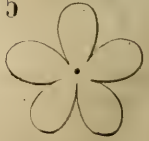
Violeta dobrada

Nº 3 Duas petalas

Violeta singela

F 25

Calice



Uma petala

# PHYSICA RECREATIVA

## SORTES DE CARTAS

Não quizemos terminar este *Manual* sem dar a nossas leitoras uma parte recreativa, a fim de as desenfadarmos dos processos para a confecção das flôres artificiaes, e para a conservação de suas elegantes *toilettes*; e por isso aqui apresentamos, em resumido quadro, algumas sortes de physica recreativa, que por certo merecerão a sua attenção.

### I

### A carta viajante

Apresenta-se um baralho de cartas aos espectadores, pondo a metade do baralho em cima da meza, e a outra metade segura-se com a mão esquerda. Diz-se a um dos espectadores que veja a carta que está por cima das que estão sobre a meza, pondo-a depois de examinada no mesmo sitio. Depois colloca-se a mão direita (a qual de antemão deverá estar molhada com saliva) em cima das cartas que estão na meza, dizendo-se a um dos espectadores que ponha assim a sua mão, tirando-se com ligeireza a mão, a qual deverá trazer a carta que estava sobre as outras, pegada com a saliva, segurando-se com a dita mão as cartas que estão na mão esquerda, ficando a carta que vem na mão, junta com as outras. Depois põe-se a mão esquerda por debaixo da meza, e na direcção das cartas que estão em cima, dizendo-se que se vae fazer passar a carta que o espectador tem segura, isto é, a carta que está sobre o baralho que se acha na meza; diz-se então que vejam se a carta ainda ahi está, mostrando-a então junta com as outras.

É necessario advertir que para esta sorte, assim como para todas as outras, é preciso executal-as com bastante ligeireza e presença de espirito, acompanhado sempre com palavriado e ditos chistosos, adequados, e que prendam a attenção do espectador.

## II

### Uma carta adivinhada

Pega-se n'um baralho de cartas com a mão esquerda, com a frente voltada para baixo, sendo necessario ter visto anteriormente a carta que está por baixo do baralho, puchando-se sem que os espectadores percebam para traz, ficando encoberta com a mão que segura as cartas. Vae-se tirando as cartas não tocando na que está puchada para traz, até que os espectadores digam que basta, fazendo com ligeireza que a carta que está puchada para traz fique na frente do baralho, apresentando o baralho aos espectadores para que vejam a dita carta, e para que a embaralhem com as outras; depois de bem embaralhadas por um dos espectadores elle deverá entregal-as ao prestigiador, passando-se então pela vista até achar a carta que os espectadores viram, a qual o prestigiador já sabe qual é, pondo-a em cima do baralho, dizendo a um espectador que molhe o dedo pollegar da mão direita em saliva, e que segure o baralho com a frente voltada para baixo, com o dedo pollegar por cima do baralho, e o index por baixo, isto com força, dando uma pancada pela parte de baixo do baralho, indo as cartas todas para o ar, ficando a carta que estava por cima, e que é a que os espectadores viram, agarrada ao dedo pollegar e ao index.

## III

### Uma carta que se adivinha

Parte-se um baralho de cartas ao meio, vendo-se sem que os espectadores percebam a carta que está pela parte de baixo das outras que deverão ficar por cima, e a carta de cima da metade que fica por baixo, por exemplo: uma das cartas é o az de espadas, e a outra o rei de oiros. Um dos espectadores deverá tirar uma carta e mostral-a ao publico, pondo-a depois entre as duas metades do baralho, ficando entre o az de espadas e o rei de oiros. Depois de se embaralharem procuram-se as duas cartas, tirando a que está entre as

duas, que vem a ser a que os espectadores viram, pondo-a com ligeireza por detraz de duas cartas quaesquer, pondo-as na frente do baralho; pergunta-se aos espectadores se aquella é a carta que elles viram, dizendo elles que não; vira-se o baralho com a frente para baixo tirando-se a carta que se mostrou e pondo-a em cima da meza com a frente para baixo; depois mostra-se a outra carta, dizendo os espectadores que não é aquella, tirando em logar da que se mostrou a outra que está por detraz; isto tudo feito com ligeireza e tendo as cartas com a frente para baixo; pondo-a em cima da meza e partindo o baralho, pois aliás mostra-se a mesma carta; mostrando outra vez a que está na frente, pondo-a, depois dos espectadores dizerem que não é aquella, em cima da meza, ao lado da que antes se póz. Pega-se nas tres cartas, depois de differentes ditos espirituosos, diz-se que se vae transformar a carta que está no meio por a que os espectadores viram, fazendo com que um dos espectadores a tire, apparece com grande admiração a carta que viram no principio da sorte.

## IV

### Os quatro reis que se espalham no baralho e que apparecem juntos

Separam-se os quatro reis de um baralho, e põem-se uns por detraz dos outros, vendo-se só metade de cada um, ficando a outra metade encoberta com o rei que está por baixo. O primeiro rei que fica por baixo é que se vê todo. Por detraz do segundo rei (contando de cima) deverão collocar-se duas cartas quaesquer, de maneira que fiquem encobertas e que não se perceba que estão ahi, o que deve estar feito de antemão. Mostrando-se d'esta maneira os quatro reis aos espectadores, juntando-os todos, pondo-os em cima do baralho, tirando o primeiro e pondo-o pela parte de baixo do baralho, depois o outro que os espectadores julgam que é um dos reis, mas é uma das cartas, pondo-a no meio, depois a outra pondo-a tambem no meio, mas não ao pé da que antes se póz. D'esta maneira ficam os espectadores persuadidos que os dois reis estão no meio do baralho, quando elles estão tres em cima, e um em baixo; parte-se o baralho, ficando os tres reis que estão em cima juntos com o que está em baixo, apparecendo os quatro reis juntos.

## V

### Adivinhar a carta pensada

Separam-se vinte e uma cartas quaesquer de um baralho, e deitam-se na meza em tres columnas de sete cartas cada uma, dizendo-se a um espectador que ponha o sentido n'uma carta, por exemplo: na primeira columna da esquerda a quarta carta é o rei de oiros, e foi n'essa que o espectador pôz o sentido, pergunta-se ao espectador em que columna está, e dizendo elle que está na primeira da esquerda, juntam-se as cartas das tres columnas separadamente, isto é, cada columna por si; depois de juntas põe-se a columna em que está a carta que o espectador póz o sentido, no meio das outras duas, deitando segunda vez as cartas na meza da mesma maneira em tres columnas, ficando a carta pensada na segunda columna, juntando-se segunda vez as columnas separadamente, pondo a segunda columna no meio das outras, deitando-se terceira vez as cartas na meza, ficando a carta pensada na segunda columna, juntando outra vez as columnas separadamente, pondo a segunda columna no meio das outras, depois contam-se dez cartas, sendo a decima primeira aquella em que o espectador pôz o sentido.

## VI

### A carta magica

As recreações que se fazem com a tinta sympathica podem variar-se de muitas maneiras. Escrevei com tinta commum sobre pequenas folhas de papel, differentes perguntas que quizerdes, e ás quaes se possa responder com uma até duas palavras. Esta resposta deve ser escripta anteriormente com sumo de limão, ou de cebola. Apresentae diversos papeis a qualquer das senhoras presentes; mostrae depois a todos que o papel nada mais contém escripto, fechai-o á vista de todos em fórma de carta, porém de maneira que o logar onde estiver escripta a resposta fique directamente por baixo d'aquelle em que lhe deveis pôr o sinete, para o que

empregareis bastante lacre, e bem quente, pois que o calor que este communica é que faz apparecer a palavra que dentro está escripta. Depois da carta estar assim fechada deveis entregal-a á senhora, pedindo-lhe que a abra e que leia a resposta que de certo encontrará escripta.

Esta sorte sendo habilmente executada causa geral admiração.

---

## SORTES DE PHYSICA RECREATIVA

### I

### O ovo viajante

Mostra-se um copo aos espectadores, depois pega-se n'um lenço de côr, o qual deverá ter pegado no meio um fio com a outra extremidade presa a um ovo vasio.

Quando se executa a sorte mostra-se aos espectadores o lenço e o ovo, isto feito com ligeireza a fim de que não se perceba que o ovo está preso ao lenço. Mettendo o ovo no copo, e tapando-o com o lenço, dando o copo ao espectador que o segura, mechendo-o para ver que o ovo ahi está. Depois tira-se o lenço vindo o ovo preso, desapparecendo com grande admiração dos espectadores o ovo que se metteu no copo.

### II

### O café magico

Para se executar esta sorte é necessario ter dois copos de metal de côr, do tamanho de um copo para agua; cada copo deverá ter uma tampa feita de folha de flandres do tamanho de duas partes dos copos. Os copos

deverão ter cada um, um fundo de folha de flandres, os quaes deverão estar mettidos nas tampas, por meio de encaixe no fundo da tampa; um dos fundos deverá estar cheio de café já feito, e o outro de leite. Deverá haver tambem uma caixa redonda com uma tampa, com um fundo como os copos, estando tambem preso na tampa e cheio de assucar ou de bolos. Apresentam-se os dois copos e a caixa aos espectadores para verem que nada tem, enchendo os dois copos com bocadinhos de papel, deitando na caixa algum espirito incendiario, lançando-lhe fogo e fingindo não ter nada com que apagar, tapa-se com a tampa, tapando-se os copos tambem com as suas tampas. Depois de varios ditos espirituosos destapam-se os copos, ficando cada um com o fundo de folha, apparecendo d'esta maneira um copo cheio de café e outro cheio de leite; destapando tambem a caixa ficando igualmente com o segundo fundo apparecendo cheio de assucar ou de bolos, conforme se tiver enchido, servindo então o café em chavenas aos espectadores.

## III

### Uma moeda que passa pelo fundo de um copo

Esta sorte é no gosto da — o ovo viajante. Dever-se-ha ter um lenço de côr com um elastico preso no meio, indo a outra extremidade prender n'uma qualquer moeda. Mostra-se aos espectadores uma moeda igual á que está presa ao lenço. Põe-se um copo em cima de uma meza, pondo-se outro por cima e segurando com a mão esquerda. Fingindo metter dentro do copo de cima a moeda que se mostra aos espectadores, dever-se-ha com ligeireza escondel-a na mão esquerda, mettendo em seu logar no copo de cima a moeda que está presa no lenço, tapando os copos com o lenço; diz-se aos espectadores que se vae fazer passar a moeda que está no copo de cima para o copo de baixo, deixando cair a moeda que se tem na mão esquerda para o copo de baixo. Destapam-se os copos, vindo a moeda presa ao lenço, apparecendo com grande admiração dos espectadores a moeda no copo de baixo.

## IV

### As garrafas obedientes

Para se executar esta sorte é necessario ter uma garrafa preta de vinho, sem fundo, e uma garrafa finginda que se encaixe na outra e que se tire com facilidade. Deve-se ter tambem dois tampos de papel ou de papelão que encaixem nas garrafas. Quando se executa a sorte põe-se de antemão um copo pequeno n'um prato, pondo-se-lhe a garrafa por cima, ficando o copo dentro da garrafa, e encaixa-se na garrafa a outra fingida. Põe-se isto em cima de uma meza, pondo n'outra um copo igual ao que está dentro da garrafa. Depois mostram-se os tampos aos espectadores para verem que nada tem, em seguida tapa-se a garrafa com um dos tampos, depois destapa-se (trazendo a garrafa fingida junta com o tampo) dizendo-se aos espectadores que ainda ahi está a garrafa. Vae-se buscar uma garrafa com vinho e um pequeno funil, pondo-o no gargalo da garrafa sem fundo e enchendo o copo que está na outra meza, depois de cheio vasa-se esse vinho no funil, fingindo ir para dentro da garrafa, mas indo cair todo no copo que está dentro. Depois põe-se o copo na outra meza, tapando-o com o tampo que tem a garrafa fingida, tapando a garrafa de vidro com o outro tampo, dizendo-se aos espectadores que se vae fazer passar o copo para onde está a garrafa, e esta para onde está o copo, fazendo passar o vinho que se deitou na garrafa para o copo. Tira-se o tampo onde antes se viu o copo, deixando a garrafa fingida, e onde antes se viu a garrafa; traz-se a garrafa ficando o copo cheio de vinho. Depois executa-se a sorte ao contrario, pondo o funil na garrafa fingida, e deitando-lhe o vinho que está no copo, etc.

## V

### A fritada no chapeu

Pede-se um chapeu emprestado, e n'elle se introduz uma fritada de ovos já preparada, porém com ligeireza para que se não perceba esta introducção. Pega-se em seis ovos, cinco dos quaes estão disfarçadamente vasios,

o que está cheio, conhecido por algum signal particular ou pelo peso, deixa-se quebrar como por descuido, a fim de melhor fazer acreditar que os outros estão perfeitos. Quebram-se em seguida dentro do chapeu os ovos vasios, e depois com espirito de vinho acceso finge-se que se fritam os ovos, e momentos depois mostra-se a fritada já prompta.

## VI

### Os passaros viajantes

Pede-se dois chapeus de homem a dois espectadores, pondo cada um em cima de uma meza, mettendo debaixo de cada um, um passaro. As mezas deverão ter cada uma um pequeno alçapão, e quando se mettem os passaros debaixo do chapeu, dever-se-hão fazer cair para o alçapão com ligeireza. Depois tiram-se os chapeus mostrando que já ahi não estão. Deve-se ter mostrado uma caixa aos espectadores, a qual deverá ter uma segunda gaveta onde deverão estar dois passaros em tudo iguaes aos que se metteram debaixo dos chapeus. Fecha-se a gaveta, e depois de se mostrar que os passaros já não estão debaixo dos chapeus, abre-se a caixa vindo a segunda gaveta. apparecendo ahi os passaros.

FIM

Ramo de peitilho

Toucado de folhagem

Ramo de peitilho

Toucado redondo

F 26

Amor perfeito

Petala

Calice

Amor perfeito

# JORNAL DAS DAMAS

## REVISTA DE LITTERATURA E MODA

Elegante publicação, unica n'este genero que existe em Portugal, contendo artigos de modas, descripções de m
tas e variadas *toilettes*, romances, poesias, receitas uteis ás senhoras, etc., etc. ; producções de distinctos escriptor
os srs. Julio Cesar Machado e Luiz de Araujo. Todos os numeros são acompanhados de bellos figurinos, lindame
gravados e illuminados em Paris, das ultimas modas, para senhoras, jovens, meninos e meninas.

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

| | |
|---|---|
| Para Lisboa — 1 anno ..... | 2$000 réis |
| » » — 6 mezes ..... | 1$200 » |
| » as Provincias (franco de porte) — 1 anno..... | 2$400 » |
| » » » » » » — 6 mezes ..... | 1$500 » |

Os assignantes tem direito a 6 ricos brindes no anno distribuidos á sorte. Recebem-se assignaturas em Lisboa
livraria do editor Joaquim José Bordalo, rua Augusta, 24 e 26 em Lisboa e no Porto e Coimbra nas principaes livrari

Lisboa — Typ. Universal — 1874

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
NK
0003590

C182176

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 10 09 014 7